



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

***Instagram* e construção de identidade: uma investigação sobre as formas
contemporâneas de lidar com a subjetividade**

Natasha Moraes Ferreira Sierra

Rio de Janeiro/RJ

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

***Instagram* e construção de identidade: uma investigação sobre as formas contemporâneas de lidar com a subjetividade.**

Natasha Moraes Ferreira Sierra

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em **Publicidade e Propaganda**.

Orientador: Prof. Dr^a Sócrates Álvares Nolasco

Rio de Janeiro/RJ

2014

Instagram e construção de identidade: uma investigação sobre as formas contemporâneas de lidar com a subjetividade.

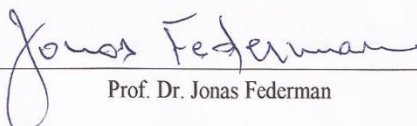
Natasha Moraes Ferreira Sierra

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em **Publicidade e Propaganda**.

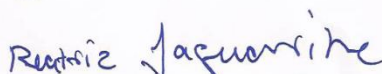
Aprovado por



Prof. Dr.º Sócrates Álvares Nolasco - orientador



Prof. Dr. Jonas Federman



Prof. Dr.º Beatriz Jaguaribe de Mattos

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/RJ
2014

S571

Sierra, Natasha Moraes

Instagram e construção de identidade: uma investigação sobre as formas contemporâneas de lidar com a subjetividade / Natasha Moraes Sierra. 2014.

73 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Sócrates Alvares Nolasco.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Publicidade e Propaganda, 2014.

1. Mídia social. 2. Identidade social. 3. Subjetividade. I. Nolasco, Sócrates Alvares. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 302.23

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao outro.

Aqueles que li para escrever este projeto,
aqueles que me leem agora...

E que a troca entre nós continue resultando em
coisas incríveis.

Fotos em grupo são bem melhores que *selfies*.

AGRADECIMENTO

É com imensa gratidão que agradeço:

Primeiramente à UFRJ e a todos os professores com os quais tive oportunidade de aprender e trocar. Que fique registrado aqui o quanto vocês influenciaram em minha visão de mundo, deram vazão à minha curiosidade, me ensinaram a adotar um olhar questionador e generoso sobre o que me rodeia e a relativizar tudo que há. A ECO fez de mim uma pessoa melhor. Muito obrigada.

Ao meu orientador, Sócrates Nolasco, pela inteligência, ajuda e apoio. À Alda Ribeiro, pelo suporte que deu aos alunos nessa etapa final de trabalho.

À minha mãe, Cristina Ferreira, pelo amor incondicional, carinho inconfundível e dedicação de sempre. Ao meu pai, Marcelo Sierra, que sempre me motivou a escolher o caminho que mais fizesse meu coração vibrar. À minha avó, Marlene Ferreira, que me fez aprender na prática que disciplina e determinação podem fazer milagres. Ao meu avô, Ary Guilherme, por me fazer enxergar que, na verdade, estou rodeada de meias verdades. Ao meu irmão, Eduardo Sierra que, por ser tão duro e crítico comigo, contribuiu para que eu me posicionasse melhor e achasse divertido e importante repensar e valorizar minhas próprias conclusões.

Ao Daniel Moulin - tão especial -, pela parceria, torcida e apoio tão importantes no meu crescimento e jornada pessoal e profissional. À Sandra Sierra, pelo exemplo acadêmico e trocas sempre tão agregadoras.

À Isabel Gomes, pelas conversas despretensiosas na cozinha entre uma pausa e outra e pela paciência com meus desejos gastronômicos. À sua filha, Isabella Gomes, por me lembrar diariamente que enxergar o mundo com olhos desacostumados de criança ainda é uma das metodologias mais eficazes para investigar qualquer tema

E, por fim, aos meus amigos. Todos. Tantos. Tão queridos e imprescindíveis. Sem os quais não só esse processo, como minha vida inteira, ficariam bem menos interessantes.

A todos vocês, meu muito obrigada!

“Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis mas fortes. É a vida? Mesmo assim ela me escaparia. Outro modo de captá-la seria viver. [...] O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo?”

(Clarice Lispector)

SIERRA, Natasha Moraes Ferreira. *Instagram e construção de identidade*: uma investigação sobre as formas contemporâneas de lidar com a subjetividade. Orientador: Sócrates Álvares Nolasco. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. 73 folhas

RESUMO

Esta monografia se propõe a investigar como o indivíduo dos dias de hoje lida com a subjetividade e constrói sua identidade. Inserido em um contexto social líquido, fluido, inconstante e sem verdades absolutas; e arrebatado por diversos estímulos sensoriais e tecnologias que facilitam a mistura entre real e ficção, o indivíduo - carecendo de um sentido consistente para si - é motivado a midiaticizar a existência e a exteriorizar sua subjetividade. As personalidades, portanto, apresentam-se cada vez mais de forma alterdirigida. De modo que esse projeto tem como foco analisar as características desse imperativo da imagem, bem como as motivações para essa exibição de si e suas consequências nas relações do sujeito com o outro, consigo mesmo e com a própria experiência. Para ilustrar essa discussão, optou-se pelo estudo do aplicativo *Instagram* - objetivando pensar a relação que existe entre o comportamento dos usuários na plataforma virtual com a maneira como o sujeito pertencente às sociedades contemporâneas ocidentais lida com a questão da identidade.

Palavras-chave: *Instagram*; representação; identidade; cultura; comunicação.

SIERRA, Natasha Moraes Ferreira. *Instagram e construção de identidade*: uma investigação sobre as formas contemporâneas de lidar com a subjetividade. Advisor: Sócrates Álvares Nolasco. Rio de Janeiro, 2014. Monograph (Publicity and Advertising) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Final paper 73 pages

ABSTRACT

This work objective is to study how the contemporary individuals deal with its subjectivity and how they construct their identities. In a liquid, fluid and unstable context, without total truth and affected by several different sensory sentiments and technologies that make easier the mix between real and fiction, the individual - in the absence of a real meaning for its life - is motivated to share its existence on social networks. Therefore, in a context where personalities only "exist" when viewed by the other one, this project analyzes the motivations to this behavior and the consequences of this process. In order to illustrate this discussion, *Instagram* was the social network chosen to be part of the study. Our goal with this network is to understand its different kinds of users and how they manage their profiles in order to reflect their personalities for the society.

Keywords: *Instagram*; representation; identity; culture; communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CULTURA E IDENTIDADE.....	13
2.1 CONTEXTO SOCIOCULTURAL DA CONTEMPORANEIDADE.....	13
2.2 CONTEMPORANEIDADE E IDENTIDADE.....	19
3. MÍDIAS DIGITAIS E IDENTIDADE ALTERDIRIGIDA.....	30
3.1 SOCIEDADE NARCÍSICA.....	30
3.2 CIBERCULTURA E MÍDIAS DIGITAIS.....	37
3.3 EFEITOS DA CIBERCULTURA.....	39
3.3.1 CIBERCULTURA E NOVAS FORMAS COGNITIVAS E INTERACIONAIS..	39
3.3.2 CIBERCULTURA E PERSONALIDADE ALTERDIRIGIDA.....	42
4. INSTAGRAM: A VIDA COM FILTRO.....	49
4.1 <i>INSTAGRAM</i>	49
4.1.1 O QUE É.....	49
4.1.2 COMO FUNCIONA.....	49
4.2 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO INSTAGRAM.....	53
4.2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
4.2.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	54
4.2.2.1 O QUE POSTAR.....	54
4.2.2.2 EDIÇÃO E PREPARO DE FOTOS.....	55
4.2.2.3 REGISTRO E COMPARTILHAMENTO.....	57
4.2.2.4 EXPERIÊNCIA X OLHAR DO OUTRO.....	59
4.2.2.5 A IMAGEM DE SI E A IMAGEM DO OUTRO.....	60
4.2.2.6 O INSTAGRAM.....	62
4.2.2.7 FECHAMENTO DA ANÁLISE.....	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais se ouve que estamos na era da imagem. Tempos nos quais o *ser* não só teria cedido lugar ao *ter*, como nem *ter* mais seria necessário: a ânsia agora é por *parecer*.

Ao me deparar com esse discurso, sempre me perguntava: o que é *ser*, afinal? E achava uma pena que, como fruto da minha geração, não poderia experimentar tal vivência genuína e autêntica da existência.

No entanto, também como fruto da minha geração, não me sentia tão superficial assim, nem tão *fake*, e tampouco buscava artificialidade nas minhas relações e formas de interagir com o mundo. Apesar disso, ferramentas como o *Instagram* facilmente me seduziam e, com frequência, sentia-me, como tantos ao meu redor, motivada a filmar shows, fotografar viagens e postar fotos bonitas nas redes sociais para que um outro me visse e me legitimasse como alguém *cool* e *bacaninha*.

De modo que, acredito caber questionar: estaríamos nos transformando em simulacros de nós mesmos? A imagem que passamos ao outro teria, agora, mais valor que a experiência que vivemos? O real estaria trocando de lugar com a ficção?

Motivada por esses questionamentos e pretendendo projetar sobre eles um olhar questionador e generoso, optei por investigar como, afinal, e sob que bases se constroem as subjetividades do sujeito contemporâneo.

Essa é a **motivação** e **justificativa** desse projeto, que acredito ser de grande pertinência não só para o meio acadêmico como para jovens que, como eu, anseiam compreender o que, afinal, está acontecendo com a gente. Em uma época em que redes sociais se proliferam rapidamente e a mobilidade permite que celulares filmem, fotografem e divulguem registros e experiências em tempo recorde, parece importante colocar em questão como são construídas as identidades contemporâneas e de que formas elas dialogam com essas novas mídias e com a imagem que se produz de si.

O **contexto**, portanto, são os tempos que correm. Século XXI. Mundo globalizado. Sociedades fluidas, porosas e conectadas. Diversidade cultural, mobilidade, cibercultura. Ausência de valores rígidos ou referenciais claros e um sujeito supostamente livre e certamente responsável pelo que faz com essa liberdade.

Como recorte para objeto de estudo, escolhemos o *Instagram*: aplicativo com pouco mais de dois anos e popularidade já enorme, que se apresenta como grande palco ostentador de subjetividades, onde os sujeitos postam fotos que representam e comunicam algo sobre si mesmos. Acreditamos que a escolha se faz pertinente, já que essa ferramenta dialoga com a

dinâmica cultural e o reinado da imagem que pretendemos estudar – no qual o sujeito é constantemente estimulado a exteriorizar sua subjetividade.

Os **procedimentos metodológicos** adotados foram a pesquisa e análise bibliográfica (através da qual nos valem os que estudiosos do tema já apontaram a respeito) associados a entrevistas qualitativas semi-estruturadas (objetivando investigar de perto a relação do sujeito com o aplicativo e como ele dialoga com a maneira como as identidades contemporâneas são construídas.)

O **objetivo principal** desse projeto, portanto, é entender e investigar como se constroem as identidades contemporâneas, utilizando como recorte de objeto de estudo o *Instagram*.

Com os **objetivos específicos**, pretendemos reunir informações reveladoras sobre a lógica contemporânea na qual estão inseridos esses sujeitos; investigar como essa lógica estimula o narcisismo e o exibicionismo enquanto fenômenos sociais; e analisar as motivações do indivíduo para mediar e exteriorizar sua subjetividade, percorrendo questões como o valor da imagem, a importância do olhar do outro, a edição do que se diz sobre si mesmo e de que modo o aplicativo pode aumentar a distância entre o que se exhibe e o que se experiencia.

No **segundo capítulo**, traçaremos um panorama dos valores socioculturais da contemporaneidade e suas consequências sobre o trabalho, relacionamentos, crenças e maneiras do sujeito interagir e estar no mundo. Em seguida, problematizaremos a questão da identidade, percorrendo diferentes abordagens já adotadas sobre ela e apontando como o sujeito lidaria atualmente com essa questão.

No **terceiro capítulo**, investigaremos como é produzido socialmente o indivíduo narcísico. Discorreremos a respeito das características e consequências da cibercultura e da dinâmica da web 2.0 sob o sujeito, e como elas estimulam a exibição da intimidade. Em seguida, investigaremos o que impulsiona e caracteriza essas personalidades alterdirigidas.

No **quarto capítulo**, falaremos sobre o *Instagram*; analisaremos as entrevistas realizadas; e relacionaremos os dados coletados com os apontamentos feitos no decorrer do projeto - problematizando a dicotomia entre real e ficção, investigando a distância entre experiência e exibição, e o valor da imagem como ferramenta para configurar sentido à existência do sujeito contemporâneo.

Nas **considerações finais**, apontaremos os principais pontos investigados no decorrer do projeto e buscaremos responder as perguntas-chaves motivadoras dessa pesquisa.

2 CULTURA E IDENTIDADE

2.1 Contexto sociocultural da contemporaneidade

Levando em conta que o *Instagram* é um fenômeno contemporâneo e dialoga com os valores culturais atuais, optamos por iniciar fazendo uma breve reflexão sobre a modernidade tardia – contexto no qual ele está inserido.

Até um passado de certa forma recente - cuja data não é possível precisar- Família, Igreja e Estado ainda exerciam papéis centrais na sociedade. O sujeito tinha suas funções sociais e individuais muito bem delineadas e guiadas por normas que, ao mesmo tempo em que propagavam a homogeneidade e limitavam a liberdade de escolha, ofereciam-lhe conforto e segurança, inserindo-o em um campo previsível de alternativas e possibilidades de vida.

Com a queda de poder dessas instituições, por assim dizer, coercitivas, vemos, hoje, o que Hall (2011) chama de *deslocamento* ou *descontinuidade*:

Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma ‘pluralidade de centros de poder’. As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm um centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única ‘causa’ ou ‘lei’. A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma (HALL, 2011, p.17)

Assim, sem a presença de um centro ou foco de poder, o sujeito não tem mais seu comportamento orientado por normas e princípios universais. Sobre isso, Bauman (2001) coloca que não vemos mais a presença de uma única autoridade, e, sim, de várias que cancelam-se mutuamente e não mais ordenam: apenas tornam-se agradáveis a quem as escolhe.

Escolher, portanto, torna-se possibilidade e obrigação. Livres para viver da forma como mais lhes convém, os indivíduos, agora, também têm que decidir por conta própria que forma é essa. Sem certo ou errado, o peso e a responsabilidade da escolha caem única e exclusivamente sobre o sujeito que, por sua vez, não tem nenhuma garantia de que está no caminho certo - até porque, o que seria um caminho certo já não mais existe. A ele, é concedida a liberdade sem precedentes de experimentar o que quiser, bem como o dever de lidar com as consequências.

Com isso, ocorre o que Bauman (2001) chama de um esvaziamento do espaço público. Extremamente individualizados - sem a opressão (ou apoio) da tradição - e impotentes para

prever o futuro, o sujeito se desinteressa pelo bem coletivo e volta a atenção única e exclusivamente para si. Afinal, quem além dele mesmo pode garantir sua felicidade? A antiga ágora surge apenas como uma esfera onde as pessoas expõem suas questões e conflitos, espelham-se nas soluções alheias e confortam-se apenas no fato de que não estão sozinhas na tarefa de lidar com suas vidas sozinhas.

A permanente incerteza e absoluta falta de garantia trariam consigo medo, angústia e o peso de achar que o sucesso ou o fracasso dependeriam apenas de si mesmo. A infelicidade, por sua vez, viria agora pelo excesso de possibilidades e não mais pela opressão. *Será que utilizei tudo que tinha ao meu alcance da melhor forma possível?* – pergunta que, segundo Bauman (2001), o sujeito contemporâneo se faz constantemente e é, no entanto, incapaz de responder.

Na era da inexistência de verdades absolutas, tudo pode, tudo muda, tudo flui, nada fica. Não se deseja mais a eternidade das coisas, tampouco acredita-se que isso seja possível. Com tanta fluidez e flexibilidade, o apego ao que quer que seja já não faz mais sentido, uma vez que, a qualquer momento, tudo pode mudar. Dessa forma, são estimulados estilos de vida focados no aqui e agora, planos feitos a curto prazo e o desejo de extrair o máximo do momento presente. Bauman (2001) discorre:

Viver num mundo cheio de oportunidades – cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior, cada uma ‘compensando a anterior, e preparando o terreno para a mudança para a seguinte’ – é uma experiência divertida. Nesse mundo, poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final. Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre. Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham ‘data de validade’, caso contrário, poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura. Como dizem Zbyszko Melosik e Tomas Szkudlarek [...] viver em meio a chances aparentemente infinitas (ou pelo menos em meio a maior número de chances do que seria razoável experimentar) tem o gosto doce da ‘liberdade de tornar-se qualquer um’. Porém, essa doçura tem uma cica amarga porque, enquanto o ‘tornar-se’ sugere que nada está acabado e temos tudo pela frente, a condição de ‘ser alguém’, que o tornar-se deve assegurar, anuncia o apito final do árbitro, indicando o fim do jogo: ‘Você não está mais livre quando chega o final; você não é você, mesmo que tenha se tornado alguém’. Estar inacabado, incompleto e sub determinado é um estado cheio de riscos e ansiedade, mas seu contrário também não traz prazer pleno, pois fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter aberto. (BAUMAN, 2001, p.81)

Assim, para ele, não existiria mais linha de chegada. Nenhum prêmio é tido como bom o bastante para impedir o sujeito de querer conquistar outros. Estaríamos, portanto, livres para desejar tudo o que o mundo tem a oferecer, e ao mesmo tempo escravos desse desejo que nunca será – nem se pretende ser - saciado.

Não podemos mais suportar o que dura – Bauman (2001) nos diz. E tampouco nos esforçamos para isso. Com ausência de garantias e única certeza de que já não se pode ter certeza de nada, não faz mais sentido apegar-se ao que quer que impeça o movimento. Afinal, a qualquer hora, tudo pode mudar. De modo que, quanto mais leve, solto e fluido for o sujeito, melhor.

Como consequência, as relações humanas estariam cada vez mais superficiais, permanecendo apenas enquanto durasse a satisfação. O que uns enxergariam como liberdade, o autor apresenta como falta de interesse em cuidar, cultivar e se empenhar para que dê certo. Com tantas opções, ao invés de ocasionalmente ceder ou se esforçar, apresenta-se como alternativa mais fácil – e por vezes mais atraente- simplesmente trocar de afeto, não sofrer e procurar outra pessoa.

Cabe comentar aqui que nem todos tem essa visão dos relacionamentos nos tempos que seguem. Há outros estudiosos da atualidade, dentre eles, Luli Radhfarer, que discordam dessa visão. RADHFARER (2014, *on-line*)¹ aponta que estaríamos diante de “novas abordagens de intimidade, definições de gênero e relações de compromisso.” Imersos nesse contexto de fluidez, questionamento e diversidade, os sujeitos contemporâneos seriam motivados “a navegar em um terreno sexual totalmente aberto, mais ambíguo, cheio de oportunidades, livre das restrições de quem pode dormir com quem ou do que é uma identidade sexual.” (idem, *on-line*) Construiriam suas relações “à base de confiança e tolerância, podendo experimentar o sexo pelo sexo, sem vergonha nem culpa, na paz”. (idem, *on-line*) E continuariam desejando o envolvimento, a troca com o outro, bem como relações de longo prazo. No entanto, não se incomodariam com a ideia de que “essa relação pode não atender as necessidades emocionais e físicas de cada parceiro o tempo todo.” (idem, *on-line*)

Para Bauman (2001), porém, toda liberdade conquistada traria consigo um alto preço psicológico e consequências bem difíceis de lidar – como angústia, incerteza, medo e desaconchego. Inclusive, a própria ideia de liberdade - segundo a qual o sujeito pode, finalmente, fazer o que quiser de si e da própria vida- é questionada pelo autor, que diz:

A sociedade é verdadeiramente autônoma quando ‘sabe, tem que saber, que não há significados assegurados, que vive na superfície do caos, que ela própria é um caos em busca de forma, mas uma forma que nunca é fixada de uma vez por todas.’ [...] A segurança que a democracia e a individualidade podem alcançar depende não de lutar contra a contingência e a incerteza da condição humana, mas de reconhecer e encarar de frente suas consequências. [...] a oposição principal da sociedade moderna em sua fase liquefeita e descentrada, a oposição que precisa ser enfrentada

¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luliradfahrer/2014/05/1452803-vinte-e-tantos.shtml>>
Acesso em: 20 mai. 2014

para pavimentar o caminho para uma sociedade verdadeiramente autônoma, se dá entre assumir a responsabilidade e buscar um abrigo onde a responsabilidade pelas próprias ações não precisa ser assumida pelos atores. (BAUMAN, 2001, p.263)

Bauman (2001) acredita que, para nos tornarmos realmente livres, haveria de haver uma reestruturação do espaço público, uma reconquista da ágora como lugar em que soluções públicas para questões privadas podem ser pensadas, debatidas e postas em prática; e não apenas um espaço de desabafo e caos dos sujeitos que, apesar de supostamente se encontrarem livres, não são capacitados com ferramentas para controlar as situações sociais que possibilitem o exercício de tal liberdade. O autor, no entanto, não apresenta propostas de como seria feita essa reestruturação e em que níveis ela seria possível dentro do contexto atual.

Giddens (1991), por sua vez, apesar de ir de encontro a muitas ideias de Bauman (2001), defende que a eterna busca pelo novo que o autor se refere poderia ser a consequência de termos pensado “melhor”. Com a ausência de um todo centrado que dite as regras e a inexistência de certezas absolutas, seria característica de nosso tempo o que ele chama de *reflexividade*. Prática em que o sujeito estaria constantemente pensando e repensando tudo o que há, inclusive ele mesmo:

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre estas práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. [...] Em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las. Mas somente na era da modernidade a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana, inclusive à intervenção tecnológica no mundo material. Diz-se com frequência que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo. Mas talvez isso não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão. (GIDDENS, 1991, p.49)

Além disso, Giddens (1991) aponta para as consequências da globalização. A separação de tempo e espaço, segundo ele, teria influenciado enormemente as relações interpessoais, e ao mesmo tempo que separa e por vezes estimula a artificialidade, também une e promove possibilidades de encontro e dinâmicas relacionais antes não possíveis ou tampouco conhecidas.

Lipovetsky (2005), por sua vez, apresenta uma visão ainda mais otimista sobre os tempos que seguem. Concorde sobre as difíceis consequências de viver em uma época em que nada é garantido e aponta que, ao mesmo tempo em que a hipermodernidade possibilita autonomia e liberdade, também gera novas angústias e questões. Em um ambiente em que

tudo pode ser questionado, não teria como evitar que medo, risco, insegurança e incerteza façam parte do cotidiano do indivíduo. No entanto, o autor argumenta que, apesar de estarmos mais perdidos, também nos encontramos mais leves, lúcidos, fluidos e bem menos submissos ou controlados pelo que quer que tente nos dizer qual é a verdade.

Lipovestky (2005) defende que, na era do vazio – assim por ele denominada, teríamos, finalmente e pela primeira vez na história, aprendido a viver sem sentido. Pelo menos, sem um único sentido apenas. Livres do moralismo e da valorização do sacrifício, sofrimento e castigo, estaríamos, agora, focados na obtenção do prazer e realização pessoal. Cada sujeito teria, portanto, o direito de escolher o sentido que quer dar para sua vida – bem como mudá-lo quando bem entender. A essa dinâmica, o autor dá o nome de processo de *personalização*, no qual o indivíduo fica responsável por customizar sua existência e, dentre a vasta gama de possibilidades oferecidas, escolhe quais melhor se encaixam em seu propósito de vida:

[...] multiplicar e diversificar a oferta, oferecer mais para que você possa escolher melhor, [...] substituir a indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos [...] a vida sem imperativo categórico, a vida kit que pode ser modulada em função das motivações pessoais, a vida flexível na era das combinações, das opções e das fórmulas independentes é possível através de uma oferta infinita, é assim que a sedução opera. Sedução no sentido em que o processo de personalização reduz quadros rígidos e coercitivos, funciona com suavidade respeitando as inclinações do indivíduo, seu bem-estar, sua liberdade e seus interesses. (LIPOVETSKY, 2005, p.3)

Cabe comentar que essa vasta gama de possibilidades não nos parece acontecer nem no trabalho, nem na política. Para Lipovestky (2005), no entanto, o processo de *personalização* seria generalizado. Estariam em voga o hedonismo, o respeito às diferenças, a descontração, o humor e a sinceridade. Finalmente tendo conquistado o direito de ser quem se é e de aproveitar a vida ao máximo, caberia ao sujeito gozar como pudesse dessa nova liberdade.

[...] a confiança e a fé no futuro se dissolvem, ninguém mais acredita nos amanhãs radiosos da revolução e do progresso, atualmente todos querem viver o momento atual, aqui e agora, querem se conservar jovens e não pensam mais em forjar um novo homem. [...] Os grandes eixos modernos, a revolução, as disciplinas, a laicidade e a vanguarda foram modificados à força da personalização hedonista. O otimismo tecnológico e científico caiu, as inúmeras descobertas foram acompanhadas pelo superarmamento dos blocos, pela degradação do ambiente e o desmantelamento crescente dos indivíduos; já nenhuma ideologia é capaz de inflamar as multidões, a sociedade pós-moderna não tem mais ídolos ou tabus, já não tem uma imagem gloriosa de si mesma, um projeto histórico mobilizador; hoje em dia é o vazio que nos domina. No entanto, trata-se de um vazio sem tragédia e sem apocalipse. (LIPOVETSKY, 2005, prefácio XIX)

Várias esferas estariam passando por esse processo de *personalização*. Na psicoterapia, por exemplo, vemos surgir a bioenergética, a análise transacional, o grito primal, e mais uma série de tratamentos alternativos que priorizam à liberação direta dos sentimentos, emoções e energias corporais. Na medicina, está cada vez mais presente a acupuntura, bem como o uso de ervas, florais e homeopatia - vertentes que apontam para a subjetivação da doença e uma interpretação holística e integrada de suas causas. No esporte, ganham força atividades que deixam de lado o enfrentamento direto, a rigidez e o tempo cronometrado e priorizam o acompanhamento do ritmo natural do corpo e o equilíbrio – acompanhados de uma busca de eixo e ritmo individuais. A educação, por sua vez, antes extremamente rigorosa e autoritária, teria se tornado mais compreensiva e atenta aos desejos das crianças, eliminando a culpa e estimulando o prazer e atividades lúdicas nos tempos livres.

Estaríamos, portanto, na “*era do feeling*”, na qual o indivíduo poderia se libertar para ser o que quiser, se analisar e sentir o que quer que seja.

À personalização sob medida da sociedade corresponde a uma personalização do indivíduo que se define pelo desejo de sentir ‘mais’, de planar, de vibrar ao vivo, de ter sensações imediatas, de ser colocado em movimento integral numa espécie de viagem sensorial e pulsante. [...] Cada qual se observa, avalia-se, volta-se mais para si mesmo à espreita de sua verdade e do seu bem-estar, cada qual se torna responsável pela própria vida e deve administrar da melhor maneira o seu capital estético, afetivo, psíquico, erótico, etc. [...] quando ao volante, cada qual coloca seu cinto de segurança. (LIPOVESTKY, 2005, p.7)

O autor também acrescenta que enquanto a idade moderna tinha como ponto central a produção e a revolução, a idade pós-moderna seria obcecada pela informação e expressão. Tudo agora é *psicologizado* e vemos a subjetivação de inúmeras atividades que antes eram impessoais ou objetivas. Nos expressamos por meio do trabalho, do esporte, do lazer. Toda e qualquer atividade passou a ser um canal para o sujeito se expressar e afirmar sua individualidade.

Acreditamos pertinente comentar aqui que a individualidade citada por Lipovetsky (2005) só parece ser bem recebida quando já encontra-se no rol de individualidades aceitáveis - não podendo fazer mal ao outro ou tampouco ameaçar a dinâmica de poder na qual está inserida.

Para Lipovestky (2005), o vazio seria, na verdade, cheio de excesso. E, segundo o autor, também teria como consequência a indiferença. Em um ambiente em que tudo é possível, tudo coexiste e tudo muda, o que ainda conseguiria chocar ou escandalizar? Nessa

lógica, nada permanece, tudo exerce impacto por um tempo (breve) e depois é esquecido, renovado, trocado. Sobre isso, ele diz:

(...) o processo de indiferença pura no qual todos os gostos podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido à vontade, tanto o mais operacional quanto o mais esotérico, tanto o novo quanto o velho, tanto a vida simples-ecologista quanto a vida hiper-sofisticada, em um tempo desvitalizado sem referência estável e sem maior coordenação. [...] O pós-modernismo não passa de um encaixe suplementar na escala da personalização do indivíduo devotado ao *self-service* narcísico e às combinações indiferentes, como as do caleidoscópio. (LIPOVESTKY, 2005, p.23)

Podemos perceber que todos os autores citados parecem concordar que, nos tempos que correm, tudo muda, tudo flui, nada fica. No entanto, achamos importante pontuar que as desigualdades sociais, as formas de acesso ao poder e a discrepância de estilos de vida entre ricos e pobres parecem não mudar. A reflexividade apontada por Giddens (1991), por sua vez, apesar de nos soar coerente, não parece atingir todas as esferas. O sujeito, apesar de constantemente repensar tudo o que há, não problematiza o mundo no qual tal forma de pensar é produzida, nem as bases que os constitui. Além disso, viver sem um sentido único, como apresentado por Lipovestky (2005), nos parece, também, por si só uma produção de sentido. O sentido seria, justamente, o de aprender a viver sem ele. E nesse sentido de ausência de sentido, o desejo e o prazer, bem como o gozo no aqui e o agora passam a ser os parâmetros determinantes.

Também achamos pertinente ressaltar que a liberdade sem precedentes citada por Bauman (2001) e Lipovestky (2005), não nos parece tão ilimitada assim. A possibilidade de escolhas oferecidas para o sujeito, hoje, certamente é maior; ao passo de que a orientação sobre elas em igual proporção diminui. No entanto, ainda que não haja um discurso único que unifica e ordena toda sociedade, é inegável que há uma lógica de mercado que exerce influências consideráveis sobre o sujeito. De modo que as escolhas do indivíduo são feitas dentro de um campo de possibilidades oferecido por cada cultura - possibilidades sobre as quais ele certamente também interfere, mas que seguem uma lógica que antecede sua existência.

Podemos dizer, portanto, que a liberdade concedida ao sujeito contemporâneo certamente existe. Porém, dialoga constantemente com a lógica da cultura na qual ele está inserido e é influenciada por discursos que, se não mais ordenam, certamente seduzem.

Feitas essas observações, podemos concluir dizendo que, apesar de discordarem no que se refere a um ponto de vista otimista ou pessimista sobre o atual contexto, todos os

autores citados são unânimes em apontar liquidez, descontinuidade, ausência de referenciais rígidos e bem definidos e importância do momento presente; bem como angústia, dúvidas e incertezas que tudo isso traz como grandes características do nosso tempo e que, por sua vez, vão influenciar na relação dos sujeitos com suas identidades.

2.2 Contemporaneidade e Identidade

Como visto na unidade anterior, estamos em tempos de constante e rápida mudança, e é natural que a forma como os indivíduos enxergam e lidam com suas identidades também passe por transformações.

Hall (2011) nos fornece um histórico de três momentos importantes pelos quais passaram as concepções identitárias.

O primeiro deles seria a ideia de *sujeito do Iluminismo*. Visão que enxerga o ser humano sendo totalmente unificado e dotado de um “centro” que emerge pela primeira vez quando o indivíduo nasce e que, apesar de ir se desenvolvendo ao longo da existência, permaneceria essencialmente o mesmo.

Posteriormente, essa concepção do indivíduo como um ser dotado de identidade fixa e inegociável deu lugar à noção de *sujeito sociológico*. Segundo esta concepção, o núcleo interior do indivíduo não seria exclusivamente autônomo ou autossuficiente e, sim, formado também através da relação desse sujeito com os outros - que, por sua vez, ajudariam na mediação dos valores, sentidos e símbolos do mundo que ele habitava. O autor explica:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2011, p.11)

A terceira forma de conceber a identidade e que, segundo Hall (2011), vigora hoje em dia é a do *sujeito pós-moderno*. Segundo ela, resultante de uma época em que reina a incerteza e a ausência de verdades absolutas, as identidades, por sua vez, também estariam se tornando porosas e fluidas. O sujeito seria agora composto não de uma, mas de várias identidades - muitas vezes, inclusive, contraditórias entre si. Sobre isso, Hall (2011) pontua,

ainda, que o próprio processo de identificação (através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais) torna-se também momentâneo, variável e mutável:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p.13)

Assim, de acordo com essa concepção, a identidade completa, rígida e permanente seria uma ilusão, e se a sentimos de forma unificada desde o dia em que nascemos até a nossa morte é simplesmente porque aprendemos a construir uma narrativa bem feita e cômoda sobre nós mesmos.

Ainda sobre essas diferentes concepções a respeito da identidade, Hall (2011) mapeia as principais mudanças conceituais que influenciaram a maneira como a mesma é enxergada e vivenciada hoje, descrevendo cinco descentramentos essenciais para a visão que temos atualmente. Dentre os descentramentos citados por Hall (2011), optamos por destacar a descoberta do inconsciente por Freud e o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure.

De acordo com a teoria de Freud (apud HALL, 2011, p. 38), nossa identidade, assim como a sexualidade e o desejo, é formada com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. Ela não seria, portanto, algo inato, presente de forma inteira no indivíduo desde o nascimento – como acreditava a concepção de sujeito do Iluminismo – e, sim, formada, ao longo do tempo, por processos muitas vezes não conscientes. Segundo Hall (2011), a leitura que autores como Lacan, por exemplo, fazem dos conceitos apresentados por Freud é de que:

A imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente [...] Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em sua relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância [...] Naquilo que Lacan chama de ‘fase do espelho’, a criança [...] que não possui qualquer autoimagem como uma pessoa ‘inteira’, se vê ou se ‘imagina’ a si própria refletida - seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no ‘espelho’ do olhar do outro – como uma pessoa inteira. (HALL, 2011, p.37)

Dessa forma, o sujeito começaria a saber de si através de um outro que, por sua vez, seria responsável por mediar sua relação com os diferentes sistemas de representação

simbólica fora dele (língua, cultura, diferença sexual). De acordo com essa visão, os sentimentos contraditórios e não resolvidos (como, por exemplo, a divisão do *eu* entre uma parte boa e uma parte má, bem como a negação de um lado feminino ou masculino), permaneceriam por toda vida (e, por vezes, encontrando expressões inconscientes), deixando, dessa forma, o sujeito dividido.

Portanto, vivenciariamos nossa identidade como algo unificado e completo em decorrência da fantasia de pessoa inteira que se criou na fase do espelho, mas, na realidade, seríamos sempre divididos, incompletos, e com uma identidade sendo constantemente formada. Identidade essa que, segundo o autor “surge não tanto da plenitude que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos outros.” (HALL, 2011, p.39)

Viver, portanto, é também gerenciar essa incompletude, é aprender a lidar com a falta e com o mal-estar. Dinâmica que nos parece oposta ao discurso adotado pela mídia e publicidade atuais, no qual o sujeito é apresentado como alguém que pode tudo, que não precisa e nem deve lidar com mal estar algum, bastaria, para isso, ele querer e se esforçar para tal. Essa aspiração de completude denotaria um processo narcísico - sobre o qual falaremos mais detalhadamente no capítulo seguinte.

Já Saussure (apud HALL, 2011, p. 40) teria acrescentado outro ponto interessante para a nova forma como hoje é concebida a identidade do sujeito. Segundo ele, nós não seríamos os autores das afirmações que fazemos, tampouco dos significados que expressamos na linguagem. Apesar de podermos utilizá-la para produzir significado, ela é um sistema social, não individual. E existe antes de nós. De modo que podemos apenas nos posicionar dentro de suas regras e sistemas de significados já existentes.

Além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um a um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. Nós sabemos o que é noite porque ela não é o dia. Observe-se a analogia que surge entre língua e identidade. Eu sei quem eu sou em relação com o outro que eu não posso ser. (HALL, 2011, p.41)

Além disso, o que os filósofos da linguagem afirmavam é que, ainda que tente, o indivíduo que fala não só nunca conseguirá dar conta do que o motiva a falar, como também é incapaz de fixar o significado do que fala de forma definitiva. O mesmo acontece com o

significado de sua identidade que, ainda que o sujeito procure estruturá-lo como algo estável, estaria constantemente fugindo de seu controle.

Dialogando com as discussões acerca da linguagem e da noção de interior e exterior no sujeito, Sibilia (2008), por sua vez, aponta que a noção de interioridade psicológica, que hoje nos parece tão natural, na verdade é uma construção histórica:

[...] algo inventado, um modo de produção e tematização do eu que se impôs em determinado período da cultura ocidental, mas de forma alguma contempla ao gênero humano em seu conjunto – nem em termos históricos nem em termos geográficos. (SIBILIA, 2008, p.91)

A noção internalista da mente, portanto, não é a única possível. Muitas sociedades já lidaram com o sujeito sem essa visão dualista de interior e exterior. A autora afirma que, inclusive, na cultura ocidental moderna, haveriam diversas abordagens externalistas que considerariam a consciência humana como sendo fruto da interação social. As subjetividades individuais nasceriam e se desenvolveriam a partir das relações entre os sujeitos, não tendo essa dimensão interiorizada. Dessa forma, a autora aponta que seria interessante, por mais que se apresente como uma tarefa difícil, desnaturalizar essa noção de interior e exterior, e compreender que ela é apenas uma, dentre outras formas possíveis, de se entender e vivenciar a condição humana.

Dessa forma, e considerando que “o que é levado em conta para a definição de identidade dos sujeitos muda nos diversos contextos culturais” (SIBILIA, 2008, p.110), podemos dizer que essa noção de interiorização psicológica, apesar de permanecer em voga hoje em dia, apresenta-se cada vez menos como parâmetro para os sujeitos expressarem e lidarem com suas identidades. Atualmente, segundo a autora, seríamos estimulados a tornar visível nossas identidades, a expressá-las em nossos corpos e atitudes. Falaremos mais a respeito no capítulo 3, mas cabe apontar que, para Sibilia:

[...] ao invés de premiar o zeloso bordado cotidiano dos sentimentos mais íntimos e profundos, os dispositivos de poder que vigoram na cultura contemporânea tendem a estimular a experimentação epidérmica, convidando a colecionar sensações e a intensificar a experiência imediata para usufruí-la ao máximo. Se alguém não estiver satisfeito com as escolhas efetuadas em seu périplo existencial, simplesmente precisa mudar: deveria se transformar e devir outro. (SIBILIA, 2008, p. 110)

Sibilia (2008) também afirma que a narração e a linguagem são essenciais para a noção de *eu*. Narrar a própria vida na primeira pessoa do singular ajudaria a organizar a experiência e a vivência - por si só caótica - e a lhes conceder forma e conteúdo e, com isso, também, um sentido de *eu*. Para a autora:

[...] o *eu* de cada um de *nós* é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. Mas se o *eu* é uma ficção gramatical, [...] um eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si [...] é uma ficção necessária, pois somos feitos desses relatos: eles são a matéria que nos constitui enquanto sujeitos. A linguagem nos dá consistência e relevo próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto)denomina *eu*” (SIBILIA, 2008, p. 31)

Para Sibilia, a linguagem, portanto, teria um papel primordial na construção da subjetividade do indivíduo. No entanto, ela não expressaria “em texto alguma entidade que precederia o relato e seria mais ‘real’ do que a mera narração” (SIBILIA, 2008, p.31) O *eu* faria-se justamente nessa expressão, no uso dessa linguagem. Ao narrar-se, o sujeito também se realizaria.

Dessa forma, em certa medida, toda identidade seria, por si só, uma construção. Dependeria não só de fatores biológicos do sujeito, como também do contexto social no qual ele está inserido, da forma como essa cultura organiza e compreende as experiências e do diálogo que se é estabelecido com ele.

Bauman (2005) também discorre sobre três diferentes formas de conceber e lidar com a identidade, porém, sob parâmetros diferentes dos usados por Hall (2011). Para Bauman (2005), primeiramente, na pré-modernidade, a identidade teria sido vista como algo rígido, imutável e determinada pelo nascimento. Os indivíduos não se questionavam sobre ela. Não que fossem limitados ou menos interessantes. Ocorre que “perguntar ‘quem você é’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você” (BAUMAN, 2005, p.25) E, para eles, viver de forma distinta, em outro lugar, com outros afazeres e, conseqüentemente, outra identidade, não era algo viável, muito menos contemplado. A identidade, portanto, não era uma questão.

Posteriormente, com a chegada da modernidade, a identidade passou a ser definida através da classe. Instituições sociais, como Igreja, família, Estado e, é claro, a classe, eram atribuídas aos indivíduos como definições de identidade e, independente de terem sido

escolhidas ou não, ofereciam não só referenciais comportamentais, bem como sensação de segurança e pertencimento.

Nesse contexto, a identidade era vista como uma tarefa, algo que o indivíduo tinha que constantemente afirmar e desempenhar por toda sua vida. Não bastava, por exemplo, ter nascido burguês. Era preciso, também, comportar-se como um. No entanto, não havia dúvidas do que isso significava. Comportar-se como um burguês, ou como qualquer membro de outra classe, era muito nítido e delineado. Havia um *script* a ser seguido. Cada classe tinha sua expectativa de trajetória de vida muito bem demarcada e sinalizada por marcos e acontecimentos específicos - caberia ao sujeito, apenas, segui-la.

Já atualmente, na chamada por Bauman (2001) de fase líquida da modernidade, as estruturas e instituições sociais antes tidas como referências de identidade – quando existem - ou não tem força, ou tornam-se pouco relevantes, mutáveis e diluídas. A identidade perdeu as âncoras que a faziam parecer natural, predeterminada e inegociável. Não há *scripts* a serem seguidos, nem sinalizadores ou marcos no caminho. As decisões a respeito da própria vida (e, conseqüentemente, a respeito da identidade) caem unicamente sobre os indivíduos. Os poderes superiores não mais ordenam nem indicam, não reprimem nem acolhem, ficam apenas indiferentes não só a essas escolhas, como também a sua viabilidade.

Bauman (2001) aponta a mudança obsessiva e compulsiva como principal característica do nosso tempo. A constante, e nunca findada, atualização. Nada está pronto. Teremos sempre algo a acrescentar, reformular, repensar. Em um mundo como esse, em que o indivíduo já não tem mais estruturas sólidas e rígidas para se apoiar, muito menos garantia de como será o futuro, natural que a identidade, por sua vez, também se torne fluida e mutável - eternamente feita e refeita, ou melhor: escolhida, temporariamente, dentre a infinidade de opções existentes - reforçando a ideia de fragmentação já apontada por Hall (2011). Tanta flexibilidade, no entanto, tem para Bauman uma consequência amarga:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, [...] ‘nem um nem outro’, torna-se a longo prazo uma condição enervante de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, estar fixo – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p.35)

O sujeito, portanto, ao mesmo tempo em que deseja ficar livre e não fixado em nada (incluindo a identidade) para experimentar e experimentar-se, continua não só ansiando por amparo e pertencimento, como temendo a solidão e o abandono.

Segundo Bauman (2005), os novos grupos e laços que o indivíduo constrói visando dar amparo à necessidade de pertencimento tendem a ser frágeis, eletronicamente mediados e fáceis tanto de entrar quando de sair. O sujeito continuaria carecendo de um chão comum de sentidos no qual pudesse pisar. No entanto, não querendo nada que o prenda ou o defina para sempre, optaria por laços mais superficiais e facilmente descartáveis. Sobre isso, ele cita a crescente demanda pelo que chama de “comunidades guarda-roupa”:

[...] invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por pendurarem os problemas individuais [...] numa sala. Qualquer evento espetacular ou escandaloso pode se tornar um pretexto para fazê-lo [...] são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à coisa genuína são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas (embora por breve tempo) e aproveitá-las. Mas elas diferem da comunidade calorosa e solidária da mesma forma que as cópias em massa vendidas nas lojas de departamento diferem dos originais produzidos pela alta costura. (BAUMAN, 2005, p.37)

A nova dinâmica relacional dos indivíduos (seja com os outros, seja com ele mesmo) não saciaria, no entanto, sua necessidade de pertencimento e aconchego. Se antes sentiam-se limitados e presos em estruturas rígidas que os definiam independente de seus desejos individuais, hoje, a angústia viria do oposto. É justamente o correr tão solto, frouxo e sem amarras que causa a sensação de angústia no indivíduo.

Nesse ponto, achamos pertinente estabelecer um contraponto a essa liquidez identitária, pois apesar das identidades contemporâneas não mais se apegarem firmemente às âncoras sociais que as determinavam, nem se apoiarem em uma sólida interioridade psicológica, aspectos como profissão, família, dinheiro e necessidade de auto-sustento nos parecem, ainda, oferecer certa consistência a essa fluidez – deixando as identidades, de certa forma, menos porosas, e nos fazendo questionar até que ponto podemos, a qualquer momento e de forma fluida, sem qualquer esforço ou apego, mudar o sentido que desejamos oferecer para nossa vida.

Ainda assim, a identidade como é vista hoje em dia, ainda que nem tão fluida em alguns aspectos, certamente não mais é garantida, fixa, muito menos imutável. É negociável e revogável; e cada caminho, escolha e decisão influenciam diretamente sobre ela. É comum que o indivíduo tenha várias identidades ao longo da vida - por vezes contraditórias, inclusive.

O que leva, muitas vezes, a uma sensação de nunca pertencer a nada inteiramente, como aponta Bauman:

[...] parcialmente ‘deslocado’ em cada parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da personalidade ‘se sobressaíam’ e sejam vistos por outras como estranhos) [...] Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. [...] As ‘identidades’ flutuam no ar. (BAUMAN, 2005, p.19)

Para o autor, a identidade como é vista hoje em dia, portanto, não é dada de antemão. Apresenta-se como uma escolha, um esforço, uma construção.

[...] como alvo de um esforço, um ‘objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p.21)

Bauman (2005) compara as identidades com um quebra-cabeça. Segundo ele, ao comprar esse brinquedo, sabemos imediatamente qual imagem será formada no final. E a cada nova peça encaixada, podemos monitorar se estamos indo pelo caminho correto para chegar ao devido fim. Além disso, não só acreditamos como temos certeza que vamos chegar. O alcance da imagem final, perfeita e completa, é garantido.

Imaginemos, agora, como seria o quebra-cabeça da identidade contemporânea. Nesse caso, ele será sempre incompleto e nunca saberemos quais e quantas peças estarão faltando. Não só não temos a imagem final, como ela pode ser muitas, inúmeras. Além disso, não se começaria pela imagem final, e sim pelas peças já obtidas (ou que se deseja obter) e, então, com elas, tentaria-se descobrir como é possível arranjá-las de modo que formem imagens agradáveis. Imagens, que, por sua vez, também podem ser inúmeras. O sujeito vai experimentando (e se experimentando) com o que tem e buscando o que pode para chegar a uma (ou diversas) imagens que ele tampouco sabe qual é. Dessa forma, Bauman argumenta que, hoje:

[...] o verdadeiro problema e atualmente a maior preocupação é a incerteza oposta: qual das identidades alternativas escolher e, tendo escolhido uma, por quanto tempo se apegar a ela? Se no passado a arte da vida consistia principalmente em encontrar os meios adequados para atingir determinados fins, agora se trata de testar, um após o outro, todos os (infinitamente numerosos) fins que se possam atingir com a ajuda dos meios que já se possui ou estão ao seu alcance. A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda

não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará mais satisfação. (BAUMAN, 2005, p.91)

Indo de encontro às ideias de Hall (2011) e Bauman (2005), Giddens (2002) também enxerga a identidade nos tempos atuais como algo a ser construído e escolhido dentre a infinidade de opções existentes. Apesar de ressaltar que ainda hoje vemos a presença de várias influências padronizadoras, o autor concorda que a perda de poder das instituições e afiliações sociais tradicionais deixou o sujeito mais perdido e ao mesmo tempo mais livre para optar, ele próprio, por seu estilo de vida.

Segundo Giddens (2002), o processo de construção de identidade se daria, portanto, justamente através da escolha de estilos de vida. Indo de encontro à reflexividade contemporânea - sobre a qual já falamos anteriormente - o eu também seria um projeto reflexivo, no qual, ainda que constantemente repensadas e revisadas, o sujeito se esforça em manter narrativas coerentes sobre si mesmo:

Somos não o que somos, mas o que fizemos de nós mesmos. Não seria correto dizer que o eu é visto como inteiramente vazio de conteúdo, pois há processos psicológicos de formação do eu e necessidades psicológicas, que fornecem os parâmetros para a reorganização do eu. Por outro lado, o que o indivíduo se torna depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve. (GIDDENS, 2002, p.74)

Uma vez sendo o único responsável por suas escolhas – e posteriores consequências - a reflexividade do sujeito seria contínua e infindável. Para Giddens (2002), a cada momento, ou pelo menos a intervalos regulares, o indivíduo seria instado a se auto-interrogar, a questionar-se sobre o que está acontecendo. Perguntas como *o que está havendo agora?*, *o que estou sentindo?* e *o que eu quero?* seriam frequentemente feitas e refeitas. A auto-observação, portanto, seria agora peça chave para o sujeito que quer - e deve - ser responsável por, a todo momento, decidir a própria vida.

A identidade do sujeito, portanto, seria a consequência dessas escolhas que, assim como Bauman (2005) e Hall (2011) também pontuaram, são obrigatórias. Portanto, como já apontado na unidade anterior, escolher não é mais uma questão de escolha. O sujeito contemporâneo, uma vez livre, é obrigado a escolher. E esse raciocínio também se aplica às suas identidades.

No nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da escolha. Obviamente nenhuma cultura elimina inteiramente a

escolha dos assuntos cotidianos, e todas as tradições são efetivamente escolhas entre uma gama indeterminada de padrões possíveis de comportamento. Mas, por definição, a tradição, ou os hábitos estabelecidos, ordena a vida de todos dentro de canais relativamente fixos. A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas. [...] não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo. [...] Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. (GIDDENS, 2002, p.79)

Sobre a escolha a respeito do próprio estilo de vida, Giddens (2002) toca em um aspecto interessante. Defende que, como muitos associam o termo ao consumo, é comum pensar que os indivíduos mais pobres não teriam a oportunidade de decidir seu estilo de vida - o que, no entanto, não seria verdade. Para o autor, apesar de inegável que as formas contemporâneas produzam exclusão e diferença - o que, por sua vez, incapacitam muitos indivíduos em certos aspectos de sua auto-realização- , mesmo em condições de extrema limitação material, as decisões tomadas pelo sujeito influenciariam na forma como os mesmos levariam suas vidas.

Afastando a possibilidade de emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização, do eu. Mas seria um grande equívoco supor que os fenômenos analisados no livro se limitam, em seu impacto, àqueles em condições materiais privilegiadas. Estilo de vida se refere também a decisões tomadas e cursos de ação seguidos em condições de severa limitação material, tais padrões de estilo de vida também podem algumas vezes envolver a rejeição mais ou menos deliberada das formas mais amplamente difundidas de comportamento e consumo. (GIDDENS, 2002, p.13)

Giddens (2002) discorre sobre as consequências da identidade ser encarada como um projeto reflexivo de responsabilidade do indivíduo. Enquanto Bauman (2005) acredita que nossa pretensa liberdade traz consigo muita angústia, Giddens (2002) defende que seria uma inverdade dizer que a era moderna é marcada por mais ansiedade se comparada a épocas anteriores. Para ele, ansiedade e insegurança também eram presentes em outras épocas antes da nossa, e “é provavelmente pouco justificável supor que a vida em culturas menores e mais tradicionais tenha um teor mais equilibrado que o de hoje.” (GIDDENS, 2002, p.37) O que mudaria, portanto, seria o conteúdo da ansiedade. E, uma das causas desse novo tipo de ansiedade seria justamente a necessidade constante e obrigatória de escolher. Cada transição e mudança na vida pede uma reorganização psíquica, um novo sentido do *eu*. Nas culturais tradicionais, além das coisas permanecerem mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, as transições individuais – e consequentes reajustes de identidade (quando o

sujeito passava da infância para adolescência, por exemplo) - eram claramente marcadas por ritos de passagem. Atualmente, as transições são constantes, e a reorganização psíquica faz parte da rotina do sujeito contemporâneo.

Podemos concluir, portanto, que independente do consenso sobre a existência ou não de uma essência ou algo único pertencente a cada sujeito, as identidades dos indivíduos são, hoje, menos pautadas e fixadas em referências rígidas e mais abertas, flexíveis e mutáveis. Na unidade seguinte, analisaremos como elas são construídas hoje em dia – dialogando com o contexto histórico e apontamentos aqui citados.

3 MÍDIAS DIGITAIS E IDENTIDADE ALTERDIRIGIDA

3.1 Sociedade Narcísica

Em um contexto no qual o *Instagram* configura-se como um aplicativo no qual os sujeitos postam fotos, dentre outras coisas, de si mesmos, e que o *selfie* (ato de fotografar a si próprio) está cada vez mais popular - tendo sido eleita a palavra do ano de 2013 pelo dicionário Oxford (G1, 2013, *on-line*)² - é compreensível o discurso, cada vez mais em voga, de que estaríamos vivendo em uma era narcísica – na qual seríamos impelidos a nos exhibir e a falar de nós mesmos o tempo todo.

Dessa forma, achamos relevante recorrer ao que alguns estudiosos apontam a respeito do fenômeno do narcisismo enquanto acontecimento social e como ele dialoga com a construção das subjetividades.

Segundo Lasch (1983), apesar de muito se falar em narcisismo, muitas vezes ele é compreendido de forma equivocada. Associa-se o termo a toda e qualquer forma de vaidade e autoadmiração, quando, na verdade, o sujeito narcísico teria muito mais ódio de si mesmo do que amor.

Para o autor, essa distinção é especialmente importante, uma vez que egoísmo e egocentrismo sempre existiram entre os homens, ao passo que as desordens narcisistas de caráter são cada vez mais comuns e teriam muito a dizer sobre nossa sociedade. Apesar de muitos estudiosos preferirem ignorar o aspecto clínico do conceito, Lasch (1983) insiste em sua relevância para as ciências sociais. Ele ressalta que a personalidade dos indivíduos apontam muito sobre a forma como determinada cultura organiza e significa as experiências subjetivas, de modo que analisar patologias psíquicas é uma ótima maneira de entender determinada sociedade.

Dessa forma, estudar os aspectos clínicos do narcisismo seria também uma boa maneira de estabelecer conexão entre essa patologia e características cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, entendendo porque o mesmo é um fenômeno cultural pós-moderno.

Definindo conceitualmente narcisismo primário e secundário, Lasch (1983) aponta que em ambos haveria uma incapacidade de estabelecer fronteiras entre o *eu* e o mundo dos objetos. O narcisista primário (o recém-nascido) não perceberia a mãe (que satisfaz todas suas necessidades) como sendo um sujeito outro que não ele e, por conta disso, sentiria-se

² Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html>> Acesso em 20 mai. 2014

onipotente. Após algumas semanas, o bebê se desenvolveria e poderia finalmente perceber que “a fonte de sua necessidade está dentro e a [...] de gratificação está fora do eu”, segundo Otto Kernberg (apud LASCH, 1983, p. 61)

O narcisismo secundário, por sua vez, se daria após o bebê já estar desenvolvido suficientemente a ponto de perceber-se tendo uma existência separada da mãe. No entanto, ele teria, agora, raiva desses pais que, além de não mais o satisfazerem de forma imediata, responderiam também a outros, proporcionando ao bebê uma sensação de abandono. Se essa transição for especialmente intensa, a criança pode tentar anular a raiva que sente dos pais - bem como a culpa por estar sentindo essa raiva. Fantasiando a relação amorosa do passado, ela interiorizaria a imagem de pais onipotentes que, ao mesmo tempo, mesclaria-se com sua própria imagem. Ocasionalmente, assim, sentimentos de grandeza e especial dificuldade em lidar com a raiva.

Para Lasch (1983), as características do sujeito narcísico estariam cada vez mais presentes na nossa sociedade que, por sua vez, estimularia ainda mais os sintomas, fazendo do narcisismo um fenômeno social, como podemos ver a seguir:

Com base no princípio de que esta patologia representa uma versão intensificada da normalidade, o ‘narcisismo patológico’, encontrado em desordens do caráter, deveria dizer-nos algo sobre o narcisismo enquanto fenômeno social. Estudos de desordens da personalidade [...] pintam um tipo de personalidade que poderia ser imediatamente reconhecível numa forma mais reduzida por observadores do cenário cultural contemporâneo: hábil em administrar as impressões que transmite aos outros, ávido de admiração, [...] insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais preencher um vazio interior; aterrorizado com o envelhecimento e a morte. (LASCH, 1983, p.63)

O sujeito narcísico veria o mundo como um espelho, não conseguindo identificar-se com o outro sem o ver como uma extensão de si mesmo. Incapaz de se interessar por eventos externos sem associá-los aos desejos e necessidades do eu, ele se relacionaria com o que acontece ao redor perguntando-se: “o que isso significa para mim?” (GIDDENS, 2002 p.158)

Para Lasch (1983), fatores como consumismo, proliferação de câmeras, sons e imagens, transformações na família, permissivismo e ausência de hierarquia e ordem estimulariam ainda mais esse comportamento do sujeito. A inexistência de uma autoridade, ao invés de libertar, deixaria o superego ainda mais rigoroso. O sucesso passaria a ser um fim em si mesmo, e o sujeito contemporâneo teria sua gratificação pessoal na inveja e admiração que despertaria nos outros.

Os relacionamentos, por sua vez, teriam como pano de fundo um desejo de desapego e medo da intensidade afetiva. Receosos com a sempre eminente possibilidade de fim, como

forma de proteção, os indivíduos teriam o que Lasch (1983) chama de “fuga do sentimento”. Ocasionalmente um estado de indiferença e superficialidade, no qual, mais do que temer os impulsos afetivos do outro, ele se assustaria com suas próprias demandas emocionais, e desejaria a independência e o desapego. Dessa forma, o enaltecido sexo casual, o feminismo e todo liberalismo sexual seriam, também, uma tentativa de erguer um escudo contra relações sentimentais mais intensas e sua consequente vulnerabilidade.

Além disso, seríamos estimulados a desejar fama e sucesso, enaltecendo a vida das celebridades e achando o comum chato e tedioso. A sociedade narcísica, ao mesmo tempo que estimularia ambições grandiosas, não daria suporte para sua realização, ocasionando em frustração, angústia e desprezo por si mesmo. Lasch afirma:

De acordo com Joel Kovel, a estimulação de desejos infantis por meio de anúncios, a usurpação da autoridade parental, pelos meios de comunicação de massa e pela escola e a racionalização da vida interior, acompanhadas pela falsa promessa de satisfação pessoal, criaram um tipo de ‘indivíduo social’. ‘O resultado não são as neuroses clássicas, onde um impulso infantil é reprimido pela autoridade patriarcal, mas uma versão moderna, na qual o impulso é estimulado, pervertido e ao qual não é dado nem um objeto adequado com o qual satisfazer-se, nem formas coerentes de controle... O complexo inteiro, exaurido em um meio mais de alienação do que de controle direto, perde a clássica forma de sintoma – e a clássica oportunidade terapêutica de simplesmente resgatar um impulso para a consciência’ (LASCH, 1983, p.68)

Portanto, para Lasch (1983), o narcisismo seria a saída encontrada pelo sujeito para lidar com uma sociedade que o faz parecer livre e descolado, quando, na verdade, estaria cada vez mais carente, ansioso e em uma situação de guerra social de tudo contra todos.

Lipovestky (2005) e Giddens (2002) parecem achar o quadro pintado por Lasch (1983) por demais catastrófico. Como já dito no início da unidade, concordam que o narcisismo coletivo seria uma consequência da segunda revolução individualista que vemos se apresentar hoje, levando o sujeito a hiper investir no *eu*. Mas ambos tem ressalvas quanto as consequências apontadas por Lasch (1983).

Para Giddens (2002), Lasch (1983) teria uma visão equivocada do sujeito, colocando-o como agente passivo diante das “forças sociais esmagadoras”. Quando, na verdade, apesar das instituições modernas criarem um ambiente social instável e de risco, isso não levaria necessariamente a uma fuga hermética para o mundo do *eu*. Os indivíduos reagiriam a essa força, interagiriam com ela e reestruturariam a maneira de lidar com ela e com o outro, sem fugir do mundo exterior, e, sim, entrando em contato com ele.

Tanto Giddens (2002) quanto Lipovestky (2005) também questionam os apontamentos de Lasch (1983) sobre a relação do sujeito contemporâneo com o corpo, que teria o desejo de exibi-lo, modificá-lo e cuidá-lo. Para Giddens (2002), tal postura não seria necessariamente uma atitude narcisista, e, sim, mais uma esfera de construção de identidade, uma consequência do projeto reflexivo do *eu*. Sendo, dessa forma, mais um envolvimento com o mundo externo e uma forma de interagir com ele do que um fechar-se em si narcísico. Apesar disso, o autor afirma que o sujeito narcísico pode, muitas vezes, sim, apelar pela atração corporal e uso do charme para lidar com as adversidades da vida:

Como deformação de personalidade, o narcisismo tem sua origem na incapacidade de alcançar a confiança básica. Isso é particularmente verdade nos casos em que a criança não consegue reconhecer satisfatoriamente a autonomia do primeiro guardião; e é incapaz de separar claramente suas próprias fronteiras psíquicas. Nessas circunstâncias, sensações de onipotência e de automerecimento tendem a alternar-se com seus opostos, sensações de vazio e desespero. Levados para a vida adulta, esses traços criam um tipo de indivíduo inclinado à dependência neurótica dos outros, especialmente para a manutenção da auto-estima, mas que não tem autonomia suficiente para ser capaz e comunicar-se efetivamente com eles. Tal pessoa provavelmente não será capaz de dar conta de contemplar o risco que as circunstâncias da vida moderna envolvem. Assim é provável que dependa do cultivo da atração corporal e talvez do charme pessoal, como meio de tentar controlar os perigos da vida. A dinâmica central do narcisismo [...] pode ser vista como vergonha em vez de culpa. Os sentimentos alternados de grandiosidade e desimportância com que o narcisista precisa lidar são essencialmente respostas a uma auto-identidade frágil suscetível de esmagamento pela vergonha” (GIDDENS, 2002, p.165)

Lipovestky (2005), por sua vez, também frisa a mudança ocorrida na forma de lidar com o corpo, que, segundo ele, hoje é visto como um verdadeiro objeto de culto, exemplificado pelo constante número de *check ups*, dietas, cirurgias, esportes, medo da idade, das rugas, e do envelhecimento - como já citado por Lasch (1983). No entanto, indo de encontro a Giddens (2002), o autor acha que isso seria mais uma consequência do processo de personalização. O corpo agora não é mais tido como uma máquina, mas, sim, como algo que representa de forma profunda a identidade do sujeito. Veríamos, portanto, o que Lipovestky (2005) chama de *psicologização* do corpo – que agora também encontraria-se liberto de todos os tabus e, fluido, estaria disponível para a experimentação (bem como as identidades e o próprio sujeito.)

O corpo psicológico substituiu o corpo objetivo e a tomada de consciência do corpo a respeito de si mesmo tornou-se a própria finalidade do narcisismo: fazer com que o corpo exista por si mesmo, estimular sua auto-reflexão, reconquistar a interioridade do corpo, tal é a obra do narcisismo. Se o corpo e a consciência se comunicam, se o

corpo fala, do mesmo modo que o inconsciente, é preciso amá-lo e escutá-lo, é preciso que ele se expresse, se comunique. (LIPOVETSKY, 2005, p.43)

Para o autor, o medo da morte e do envelhecimento, como já apontado por Lasch (1983), teria a ver com a falta de continuidade histórica e cada vez mais vazio transcendental. Com isso, a existência do sujeito passa a ser puramente atual, sem sentido, e “entregue à vertigem da auto-sedução”. (LIPOVETSKY, 2005, p.42) A perda de um sentido para a morte e para o envelhecimento levariam a essa corrida contra o tempo e a valorização não só do aqui e agora, como do corpo, da saúde, e da juventude.

No entanto, apesar do narcisismo contemporâneo estimular a personalização do corpo, em igual medida também influenciaria o que o autor chama de normalização do mesmo:

[...] o interesse febril pelo corpo não é de modo algum espontâneo e ‘livre’, pois obedece a imperativos sociais, tais como a ‘linha’, a ‘forma’, o orgasmo, etc. O narcisismo joga e ganha em todas as tabelas, funcionando concomitantemente como operador de despadronização e operador de padronização, sendo que esse jamais se reconhece como tal, mas se dobra diante das mínimas exigências da personalização: a normalização pós-moderna se apresenta sempre como único meio de o indivíduo ser realmente ele mesmo, jovem, esbelto, dinâmico. (LIPOVETSKY, 2005, p.44)

Em relação ao sucesso, trabalhos e relações sociais, Lipovestky (2005) discorda veementemente de Lasch (1983), e chega a chamá-lo de simplista. O autor concorda que o sujeito narcísico se apresenta como marco de um novo estágio de individualismo contemporâneo e que, sendo assim, é também influenciado por uma nova forma de se relacionar com o outro e consigo mesmo. No entanto, para ele, indo ao oposto do que defende Lasch (1983), o sucesso visível por si só teria perdido o fascínio. O outro, agora fluido, inconstante e indeterminado, não é mais uma referência definida ou rígida – e, portanto, também não é mais um concorrente. O que importaria para o sujeito, agora, seria ser ele mesmo, e desenvolver-se independente dos critérios do outro.

Não que a ambição social tenha acabado. Inclusive, a competição por fama, admiração e poder ainda perduraria em alguns grupos sociais. Mas, para Lipovestky (2005), como podemos ver a seguir, o que prevalece hoje é o desejo de realizar-se à parte e viver em um ambiente tranquilo:

O homo psychologicus aspira menos a se içar acima dos outros do que a viver num ambiente tranquilo e comunicativo, nos meios ‘simpáticos’, sem altura e sem pretensão excessiva. [...] Assim sendo, é natural que a luta pelo reconhecimento não cesse [...] ela se privatiza, manifestando-se com prioridade nos circuitos íntimos, nos problemas relacionais; o desejo de reconhecimento foi colonizado pela lógica narcisística e torna-se cada vez menos competitivo, cada vez mais estético, erótico,

afetivo. [...] está menos em jogo a classificação social do que o desejo de agradar, de seduzir – e isto, por um longo tempo, se possível – o desejo de ser ouvido, aceito, protegido, amado. (LIPOVETSKY, 2005, p.51)

O autor defende, ainda, que é por isso que hoje vemos mais agressões e relações subversivas nos relacionamentos íntimos do que no círculo social.

No que confere aos relacionamentos amorosos, Lipovestky (2005) concorda com Lasch (1983) em parte. Enquanto Lasch (1983) defende uma fuga diante do sentimento – na qual, receosos pela instabilidade das relações, os indivíduos desejariam o desapego emocional e afetos menos intensos, ocasionando, assim, em uma enorme sensação de vazio, para Lipovestky (2005) é justamente o contrário. O sujeito narcísico procuraria a intensidade afetiva, porém, não a encontraria:

[...] homens e mulheres continuam aspirando (talvez nunca tenha havido tanta ‘demanda’ afetiva como nestes tempos de deserção generalizada) à intensidade emocional dos relacionamentos privilegiados, e quanto mais a esperança é forte, mais o milagres da união se torna raro [...] quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para *fora de si mesmos*; daí uma fuga para as ‘experiências’, que apenas traduz a busca de uma ‘experiência’ emocional forte. (LIPOVETSKY, 2005, p.57)

O sujeito narcísico, portanto, desejaria um relacionamento emocional intenso com o outro, mas não conseguiria, já que, absorvido em si mesmo, estaria programado para se relacionar com a imagem que fez desse outro.

Lipovestky (2005) também discorda de Lasch (1983) quando o mesmo diz que o sujeito narcísico é estimulado a cultivar celebridades. Pelo contrário, a lógica da liquidez e da personalização faria com que o indivíduo não tolerasse por tanto tempo essa ostentação. A tendência, mais uma vez, seria não a devoção ao outro, e, sim, a realização pessoal.

Sobre isso, Bauman (2001) aponta que o interesse pela vida das celebridades ou de pessoas comuns expostas, mesmo que temporariamente, a um lugar de celebridades, viria justamente do esvaziamento do sentido oferecido pelo espaço público e da transformação do mesmo em um grande palco de questões pessoais. O sujeito já não sabe mais como agir diante de suas questões individuais, já não tem mais referências, de modo que, ávido de exemplos, resta a ele observar como agem os outros ao seu redor.

Seria arrogante, além de equivocado, condenar ou ridicularizar o vício dos programas de entrevistas como efeito da eterna avidez humana pela fofoca e da ‘curiosidade barata’. Num mundo repleto de riscos, mas notoriamente pouco claro sobre os fins, as lições retiradas dos programas de entrevistas respondem a uma demanda genuína e tem valor pragmático inegável, pois já sabemos que depende de

nós mesmos fazer (e continuar a fazer) o melhor possível de nossas vidas; e como também sabemos que quaisquer recursos requeridos por tal empreendimento só podem ser procurados e encontrados entre nossas próprias habilidades, coragem e determinação, é vital saber como agem outras pessoas diante de desafios semelhantes. Podem ter descoberto estratégias admiráveis que não percebemos; podem ter explorado parte da questão a que não demos atenção ou em que não nos aprofundamos o suficiente. (BAUMAN, 2001, p. 88)

Seguindo o mesmo raciocínio, o falar de si mesmo, como apresentado no segundo capítulo por Sibilia, é também uma forma de organizar a própria experiência e conferir algum sentido à existência, através da linguagem e da interação subjetiva. De modo que, em uma sociedade cada vez mais carente de sentidos absolutos, apresenta-se como postura coerente, portanto, que os sujeitos anseiem por falar de si mesmos. Atitude que vai de encontro a, também já citada no segundo capítulo, subjetivação e *psicologização*, cada vez maiores, das atividades contemporâneas, denotando a vontade do sujeito de se colocar e se expressar em tudo o que faz, como aponta Lipovestky:

É preciso realocar Narciso na ordem dos circuitos e redes integradas [...] Isso porque o notável do fenômeno é, por um lado, a retração dos objetivos universais, se o compararmos à militância ideológica e política de outrora, e, por outro, o desejo de estar entre idênticos, junto aos demais indivíduos que compartilham as mesmas preocupações imediatas e circunscritas. Narcisismo coletivo: parecemo-nos porque somos semelhantes, porque somos sensibilizados diretamente pelos mesmos objetivos existenciais. O narcisismo não se caracteriza apenas pela auto-absorção hedonista, mas também pela necessidade de se reagrupar com seres 'idênticos', não só para se tornar útil e exigir novos direitos como também para se libertar, para organizar os problemas íntimos por meio do contato, do vivido, do discurso na primeira pessoa [...] O narcisismo encontra seu modelo na *psicologização* [...] na subjetivação de todas as atividades antes impessoais ou objetivas." (LIPOVETSKY, 2005, prefácio XXIII)

Podemos concluir que, apesar das discordâncias em relação a suas implicações, todos os autores citados parecem concordar que o narcisismo enquanto fenômeno social seria, portanto, uma consequência da segunda revolução individualista - decorrente do esvaziamento de sentido oferecido pelo espaço público e ausência de hierarquias. Fatores como esses teriam levado a um aumento da liberdade e responsabilidade do sujeito pelo que lhe ocorre, estimulando, dessa forma, um hiperinvestimento no eu. A publicidade e a mídia, por sua vez, reforçariam essa ideia de sujeito onipotente, muito importante, e dono da própria vida.

O indivíduo acreditaria, portanto, não só que pode tudo o que quer, como também que para alcançar o que deseja depende apenas dele mesmo. Essa dinâmica, por sua vez, estimularia o sujeito a relacionar-se com o outro como sendo uma extensão de si. Ele se relaciona com a imagem que cria do outro e que legitima o que ele quer que seja visto dele

mesmo. O vínculo e o diálogo, portanto, não são estabelecidos com o outro, mas sim com o que se enxerga no outro como uma extensão de si, com a imagem projetada do que ele quer que o outro seja para satisfazer suas necessidades - quase um diálogo consigo mesmo.

Esse egoísmo e egocentrismo, por sua vez, seriam os responsáveis pelo insucesso de tantas relações contemporâneas citados nessa unidade. O sujeito não só ainda deseja como também precisa se relacionar com o outro, no entanto, preocupado demais consigo mesmo e incapaz de enxergar esse outro como um ser dotado de desejos e necessidades próprias, as relações estariam fadadas ao fracasso. A mediação das tecnologias, por sua vez, estimulariam ainda mais esse processo narcísico, uma vez que estabelecem a relação do sujeito, antes de tudo, com uma imagem. Impedindo ainda mais que se olhe o outro como ele é.

Além disso, o sujeito narcísico, considerando-se muito relevante (e também, como visto acima, objetivando organizar-se e dar sentido à existência) seria constantemente estimulado a se expressar e a falar de si. No entanto, suas formas de fazer isso são, cada vez mais, mediadas e influenciadas por todo contexto tecnológico e midiático que o cerca.

Quais seriam as consequências da dinâmica da cibercultura na subjetivação do indivíduo e nesse falar de si? Na próxima unidade vamos discutir um pouco sobre o contexto da web 2.0 e investigar de que modo ele influencia na relação do indivíduo com sua subjetividade

3.2 Cibercultura e mídias digitais

Segundo Lemos (2010), cibercultura seria o resultado de uma associação dos elementos da pós-modernidade com a tecnologia que vemos avançar e se desenvolver cada vez mais, ocasionando em uma completa modificação nas formas de comunicação entre os indivíduos.

Podemos falar que o primeiro grande divisor de águas comunicacional foi o telégrafo, dando início à possibilidade de transmissão de informações de forma instantânea ao redor do mundo. (BATISTA, David; CURCIO, Henry; PIFFER, Jessica, 2013, *on-line*)³

Os meios de comunicação baseados em tecnologias eletrônicas surgidos no século passado certamente causaram uma revolução nas formas comunicacionais. Eram, porém,

³ Disponível em: <<http://ahistoriadacomunicacao.wordpress.com/2013/04/01/a-historia-do-telegrafo/comment-page-1/>> Acesso em 20 mai. 2014

estruturados no princípio de *broadcasting*, no qual uma única fonte emissora oferece informação para muitos receptores.

Já no começo do século XXI, vimos surgir os computadores, que, por sua vez, não mais se enquadravam no esquema de *broadcast*. Agora, a informação não é mais passada de um único polo emissor para muitos polos receptores, e, sim, de muitos polos emissores para muitos polos receptores – o que, segundo Lemos (2010), seria a essência do que vemos acontecer hoje na interação entre tecnologia e cultura.

Lemos (2007a) apresenta 3 princípios fundamentais para ajudar a entender a cibercultura. O primeiro é justamente essa liberação do polo de emissão. Se, antes, com a predominância da cultura massiva, a informação era passada, basicamente, de um único polo emissor para muitos receptores, hoje, com a mídia pós-massiva, ocorre justamente o contrário. Qualquer um com acesso à internet pode divulgar informações e tornar-se um polo emissor. O jogo de compartilhamento de informações é feito cooperativamente e por quem quiser e tiver o que falar e compartilhar.

O segundo princípio, e que, justamente, possibilita esse compartilhamento, é o da conexão. Toda a rede de dados da internet é compartilhada e acessada através de conexão sem fio.

Com isso, surge o terceiro princípio, que se apresenta como uma reconfiguração das práticas e instituições. A televisão começa a se reestruturar e a dialogar com as práticas da internet, e o contrário também acontece.

Dentro desse contexto, portanto, vimos surgir uma série de novas formas interativas e comunicacionais, como correios eletrônicos (*emails*), *chats*, *blogs*, inúmeros *sites* e redes sociais de compartilhamento de fotos, vídeos, informações pessoais e mais uma variedade de possibilidades, criando uma verdadeira revolução nas interações interpessoais e nas formas de estar e interagir com o mundo.

Sibilia aponta todas essas novidades como uma:

[...] ‘revolução da web2.0’ [...] Essa expressão foi cunhada em 2004, em um debate do qual participavam vários representantes da cibercultura, executivos e empresários do Vale do Silício. A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontp.com: enquanto a primeira geração de empresas online procurava ‘vender as coisas’, a ‘web2.0 confia nos usuários como co-desenvolvedores’. Agora a meta é ‘ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação.’ [...] Essa peculiar combinação do velho slogan *faça você mesmo* com o novo mandato *mostre-se como for*, porém, vem transbordando as fronteiras da internet. A tendência tem contagiado outros meios de comunicação mais tradicionais, enchendo páginas de revistas, jornais e livros, além de invadir as telas do cinema e da televisão. (SIBILIA, 2008, p. 14)

O *Instagram*, por sua vez, apresenta-se como mais um instrumento de mídia pós-massiva, no qual qualquer um com acesso à *internet* pode criar uma conta, compartilhar e acessar informações. Tudo isso através do celular, instrumento que é considerado por Lemos (2007b) o maior aparelho de convergência midiática que temos hoje em dia. Semelhantes a pequenos computadores pessoais, nos celulares podemos fazer ligações com voz e vídeo, ouvir rádio, ver televisão, acessar à *internet*, bem como baixar uma série de aplicativos capazes de realizar inúmeras funções como calculadora, mapas, fita métrica, cronômetro e o que mais puder pensar os idealizadores de aplicativos.

O uso do *Instagram* pelo celular, portanto, é possibilitado justamente pela mobilidade da conexão sem fio e pela convergência de mídias, características essenciais da cibercultura, na qual o sujeito pode acessar à *internet*, usar seus aplicativos e interagir com o outro, a qualquer momento e lugar do espaço.

Certamente que isso causará efeitos no sujeito e na forma como os mesmos lidam com suas identidades.

3.3 Efeitos da cibercultura

3.3.1 Cibercultura e novas formas cognitivas e interacionais

A cibercultura marcaria o fim do império da palavra e o início do reinado da imagem. Vemos, cada vez mais, uma diminuição do número de obras de ficção literária e um aumento do uso da televisão, computadores, celulares e outros meios eletrônicos.

Em uma cultura repleta de imagens e estímulos sensoriais vindos de todas as direções, a atenção contemplativa e foco total em uma única atividade tornam-se quase escassos. Ficam em voga, assim, outras formas de percepção e cognição, que Sibilia (2008) aponta como sendo o *easy viewing* e *easy listening* – consistindo em um olhar e uma escuta mais imediatos, rápidos e superficiais sobre o que se vê e o que se ouve.

Enquanto a leitura dos antigos romances, bem como a escuta das antigas narrações imprescindiam de interiorização e diálogo interior, a visualização de imagens na nossa cultura tenderia para a externalização, como aponta Sibilia:

Se a experiência tradicional do narrador era um acontecimento coletivo por definição, tanto a leitura quanto a escrita da era burguesa convocam um indivíduo solitário. De preferência, um sujeito trancado na privacidade do seu lar, pois não poderia existir ambiente mais adequado do que a própria casa para ‘interiorizar’ o que se lia e ‘exteriorizar’ o que se escrevia. Já os meios de comunicação

audiovisuais baseados no esquema *broadcasting* do século XX, por sua vez, reforçaram esse movimento tendente ao gradativo encerramento no âmbito privado, embora sem solicitar aquele ‘monólogo interior’ típico da leitura, apontado tanto por Adorno como por Umberto Eco. Agora, com os novos tipos de mídia que não são apenas eletrônicos mas também digitais e interativos – e que abandonam o clássico esquema de um emissor para muitos receptores –, essa dupla tendência parece se aprofundar: cada vez mais privatização individual, embora cada vez menos refúgio na própria interioridade. (SIBILIA, 2008, p.46)

Com cada vez mais meios eletrônicos individuais, como TV nos quartos, *ipods*, celulares e *lap tops*, os sujeitos são estimulados a fazer inúmeras coisas ao mesmo tempo, ao invés de focar a atenção em atividades isoladas.

Certamente que essa nova postura relacional com o mundo traria, ao mesmo tempo que uma enorme diminuição da capacidade de concentração, também o ganho de outras formas de cognição não antes exploradas pelo sujeito. Sejam quais forem essas formas, porém, é certo que vão mais ao encontro da imagem do que da palavra.

Sibilia aponta, também, para um possível esgotamento da “experiência”. A quantidade, diversidade e velocidade de estímulos e informações seria tão grande, que estaríamos perdendo nossa capacidade de digeri-los, assimilá-los e absorvê-los.

[...] uma enxurrada de dados que em sua rapidez incessante não se deixam digerir pela memória nem recriar pela lembrança. Toda essa agitação teria gerado uma perda das possibilidades de refletir sobre o mundo, bem como um inevitável distanciamento com relação às próprias vivências e uma impossibilidade de transformá-las em experiência. (SIBILIA, 2008, p.39)

Bauman (2005), citando Andy Hargreaves, também iria de encontro às ideias apontadas por Sibilia (2008) de que, com tantos estímulos, a reflexão e a interiorização parecem estar mesmo cada vez menos presentes na vivência do indivíduo:

Em aeroportos e outros espaços públicos, pessoas com telefones celulares equipados com fones de ouvido ficam andando para lá e para cá, falando sozinhas e e voz alta. A introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas. (HARGREAVES, 2003 apud BAUMAN, 2005, p.31)

Não é incomum que novas doenças de ansiedade e fenômenos como a Síndrome da Vibração Fantasma (na qual o sujeito checa o celular a todo momento e sente chegar

mensagens que nunca vieram) estejam se tornando cada vez mais presentes. (NARCISISTAS, 2013, *on-line*).⁴

Bauman (2005) também acredita que, com tantas comunidades virtuais e recursos comunicacionais eletronicamente mediados, nos quais é fácil e rápido conectar e desconectar-se, os sujeitos estariam perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais, criando uma “ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade” (HANDY, 2001 apud BAUMAN, 2005, p.31) que “não podem ser um substituto válido de ‘sentar-se a uma mesa, olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real’”. (BAUMAN, 2005, P.31)

Para o autor, usaríamos constantemente nossos celulares para sentir o conforto de estar o tempo todo em contato, sem ter que lidar com o desconforto que o verdadeiro contato também oferece. O reduzido número de relacionamentos profundos seria, assim, substituído por um elevado número de relacionamentos superficiais e pouco consistentes. Para ele, o constante envio e recebimento de mensagens

[...] elimina a troca simultânea e a continuidade, impedindo-a de se tornar um diálogo genuíno e, portanto, arriscado. O contato auditivo vem em segundo lugar. É um diálogo, mas felizmente livre do contato visual, aquela ilusão de intimidade portadora de todos os perigos de traição involuntária (por gestos, mímica, expressão do olhar) que os interlocutores preferiram mater excluída do ‘relacionamento’. (BAUMAN, 2005, p.76)

De certo que as relações eletronicamente mediadas não equivalem à interação ao vivo. Em todo caso, seria negligente de nossa parte deixar de apontar outras características sobre elas muitas vezes consideradas vantajosas. Em tempos de web 2.0, distâncias são encurtadas e interações entre sujeitos em quase qualquer lugar do tempo e do espaço são agora não apenas possíveis como também constantes. O acesso à informação, a um pluralismo cultural e à diversidade, por sua vez, também parecem estar mais facilitados. Assim como apresenta-se cada vez mais possível o trabalho em *home office* – ou em qualquer outro lugar do espaço – bem como o surgimento de aplicativos que oferecem praticidade e dinamizam a interação do sujeito com o mundo em que vive.

Nos parece curioso, também, que a incapacidade de interagir com indivíduos no mundo *off-line*, citada por Bauman (2005), coexista com o aumento de atitudes empreendedoras por jovens que, por sua vez, priorizam a criação colaborativa e o trabalho em conjunto para inaugurar novas formas de trabalho e desenvolvimento de projetos e carreiras.

⁴ Disponível em: <<http://youpix.com.br/comportamento/narcisistas-preguiçosos-e-gente-bo-conheca-a-geracao-me-me-me/>> Acesso em: 20 mai. 2014

As consequências da cibercultura apresentam-se, pois, questionáveis e contraditórias e dividem opiniões sobre os rumos que impulsionam o indivíduo a tomar.

3.3.2 Cibercultura e personalidade alterdirigida

Como já falado na unidade anterior – e que se apresenta como essência do *Instagram* - estaríamos desejando cada vez mais exibir nossa identidade, seja ela qual for. Não parecemos mais querer manter segredo sobre nossa intimidade.

No entanto, cabe comentar que, de acordo com Sibilia (2008), a própria noção de esfera íntima nem sempre esteve presente na vida do sujeito. Inúmeras sociedades já foram organizadas sem essa divisão entre o público e o privado. De modo que uma série de atividades, como até mesmo o sexo, não eram exercidas sob o viés da intimidade.

[...] a separação entre os âmbitos público e privado da existência é uma invenção história e datada, uma convenção que em outras culturas não existe ou se configura de outras formas. Inclusive entre nós, essa distinção é bastante recente: a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa nos séculos XVIII e XIX, ecoando o desenvolvimento das sociedades industriais modernas e o modo de vida urbano. Foi precisamente nessa época que um certo espaço de refúgio para o indivíduo para o indivíduo e a família nuclear começou a ser criado, no seio do mundo burguês, fornecendo a esses novos sujeitos aquilo que tanto almejavam: um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público, aquele espaço ‘exterior’ que começava a ganhar um tom de vida cada vez mais ameaçador. (SIBILIA, 2008, p.60)

A formação da família burguesa e a delimitação do tempo dedicado ao trabalho e à vida cotidiana, dentre outros fatores já colocados no segundo capítulo, influenciaram para que ocorresse a divisão entre esfera privada e pública e, com ela, o surgimento da noção de privacidade como a enxergamos hoje. Assim, teria tido início, também, o uso das já faladas máscaras sociais. Para lidar com a austeridade e dinâmica solicitada pelo espaço público, o sujeito representaria um personagem social. Enquanto que, em sua esfera privada, poderia revelar seus medos, angústias e questões e, enfim, ser ele mesmo. Vemos aí uma noção de identidade real (exercida na esfera privada) e identidade falsa (exercida na esfera pública).

Esse contexto revela a visão de uma personalidade introdirigida. O sujeito lidaria com sua identidade como sendo única e individual, e entraria em contato com ela olhando para si mesmo, pensando-se e observando-se – processo que Sibilia (2008) chama de interiorização. A solidão proporcionada pelos, agora existentes, ambientes privados, seria imprescindível para estabelecer esse diálogo interno, através do qual o indivíduo acreditava conseguir acessar sua própria identidade.

Foi assim que surgiu uma forma subjetiva particular, dotada de um atributo muito especial: interioridade psicológica. Nesse espaço interior, vagamente localizado ‘dentro’ de cada um, fermentavam pensamentos e sentimentos privados. O repertório afetivo dessa esfera íntima deveria ser cultivado, agasalhado, sondado e enriquecido constantemente. [...] alguns estudiosos se referem a essa criatura como *Homo psychologicus*. Um tipo de sujeito que, como afirma o psicanalista Benilton Bezerra Jr., ‘aprendeu a organizar sua experiência em torno de um eixo situado no centro de sua vida interior’. (SIBILIA, 2008 p.65)

Apesar dos apontamentos de Sibilía serem extremamente coerentes, acreditamos ser importante uma relativização dos conceitos de *máscara social* e *interiorização*, da forma como são apresentados. Certamente que a interiorização, bem como a separação entre espaço público e privado eram mais solicitados e presentes no século XVIII do que hoje. Mas não podemos ter sobre esse aspecto uma visão maniqueísta e simplista. Até que ponto, hoje em dia, também não fazemos uso de máscaras sociais? Percebemos que, apesar do excessivo falar de si e da pouca separação entre público e privado, o discurso de autenticidade e exibição que vemos hoje, por vezes, é falho e disfarçado. Mostra-se muito, mas mostra-se o que se quer mostrar. Feita essa ressalva, e considerando que, de certo, as diferenças apontadas por Sibilía são pertinentes, podemos continuar a discorrer sobre o assunto.

Essas viagens exploratórias para dentro de si, na maioria das vezes eram feitas através da escrita de cartas, diários secretos ou leitura de romances. O indivíduo, visivelmente mais isolado com a divisão do espaço público e privado, e coagido pelas máscaras sociais que era impelido a usar, carecia de um sentido claro e legitimado para suas questões – questões sobre as quais muitas vezes não podia debater com o outro, opinar sobre ou tampouco receber conselhos. Os romances, portanto, apareciam como uma espécie de resposta a tudo isso. Seus personagens serviam de referência para as construções identitárias dos indivíduos, que se identificavam com eles e os usavam para legitimar suas condutas e aumentar esse vasto repertório de construção do *eu*.

Dentro desse contexto, a arte e a ficção eram consideradas as manifestações mais claras do que o sujeito tinha de mais genuíno. Enquanto socialmente tinha que usar máscaras, na arte, podia se soltar e revelar o que tinha de mais íntimo em seu ser.

Nessa época, portanto, a prática de falar de si já era não só usual, como essencial para a construção das subjetividades dos indivíduos. Como visto no segundo capítulo, era narrando a própria vida que o sujeito estabelecia um diálogo consigo mesmo, amarrava os pontos de sua existência, desatava nós e preenchia as experiências de significados. Em meio a um mundo que ia ficando cada vez mais caótico e fragmentado – bem como a própria experiência

do sujeito - ao olhar para dentro de si, o indivíduo daria um sentido a tudo isso e, alinhando presente, passado e futuro, perceberia a si mesmo como um eu coeso.

O ato de falar de si - que hoje vemos tanto em blogs, vídeos e redes sociais como o próprio *Instagram* - já seria, no passado, parte essencial da forma como os sujeitos lidam com suas identidades. Toda narração, por sua vez, necessita de um interlocutor. Seria, portanto, a atual exposição da intimidade e o excessivo falar de si que tanto vemos na cibercultura apenas uma continuação desse processo? Os blogs e redes sociais como o *Instagram* apresentariam-se apenas como uma versão moderna dos diários íntimos, e seus fãs e seguidores equivaleriam aos leitores dos antigos romances - também ávidos por exemplos, referências e sentidos? Apesar da tentadora semelhança, Sibilia (2008) defende que não. A diferença estaria bem clara: no primeiro caso, a interlocução é feita com um sujeito imaginário (no caso dos diários e personagens de romances) ou apenas com o outro que recebe as cartas - outro, esse, pertencente ao estrito núcleo privado do indivíduo. A descoberta secreta de si, bem como a exposição desse si, era revelada somente no âmbito privado. O que era secreto pretendia continuar secreto. Repleto de coisas inconfessáveis, esse indivíduo tremia só de pensar em ver suas questões expostas em público. Hoje em dia, tudo que é íntimo anseia por ser mostrado. A diferença consistiria exatamente, portanto, na questão da intimidade. Ou na falta dela.

Haveria ocorrido, então, uma mudança profunda no eixo em torno do qual são construídas as subjetividades. De dentro (introdiretada) para fora (alteridiretada). A visibilidade e a aparência passam, agora, a desempenhar papéis primordiais na identidade dos indivíduos. Enquanto no passado os sujeitos narravam a si mesmos seguindo os modelos das narrativas escritas e achavam que tudo existia para ser contado em um romance, hoje, nossas construções autobiográficas são seduzidas por referências audiovisuais. Espelhados por clipes, vídeos e fotos, temos a impressão de que tudo existe para ser exposto em uma tela. Por isso é tão usual agir como se estivéssemos sendo filmados.

Antes, queríamos inventar ficções que se parecessem realidade, que pudessem falar sobre os temas inconfessáveis e que dialogassem com as questões íntimas que jamais poderiam ser faladas na esfera pública. Hoje, a separação entre público e privado não mais existe. Fala-se, e deseja-se falar, abertamente sobre tudo. E cada vez menos vemos imperar as tais máscaras sociais. A arte contemporânea vira conceitual, mas os canais midiáticos, por sua vez, não buscam mais a verossimilhança e, sim, o real de fato - como a biografia, o documentário e os gêneros confessionais ou baseados em fatos que realmente aconteceram.

Porém, ao apresentar algo verídico na mídia, com personagens reais e factoides completamente verificáveis, isso é feito através de uma linguagem midiática, de forma ficcionalizada. A vida de um trabalhador do campo, por exemplo, ao ser contada em uma tela de cinema, apesar de puramente real e verídica, transforma-se em alguma outra coisa, com valor e sentido próprio e diferente do que foi captado e filmado.

E é essa linguagem midiática que educa os sujeitos contemporâneos e influencia a forma das pessoas narrarem suas vidas – e, conseqüentemente, exercerem suas subjetividades. Se antes queriam que suas vidas se parecessem com um livro, hoje todos querem se sentir personagens de cinema.

Porém, ocorre que de tanto ficcionalizarmos a existência e espetacularizarmos tudo o que é, os limites entre o real e a ficção ficam cada vez menos claros. Uma esfera contamina a outra. “Esse real que hoje está em pleno auge já não é mais auto-evidente: sua consistência é permanentemente contestada e colocada em questão”. (SIBILIA, 2008, p.198) Além disso, com a já bastante debatida fluidez e ausência de âncoras sociais que limitavam, mas também protegiam e ofereciam sentido, os indivíduos careceriam, cada vez mais, de consistência em suas vidas. De modo que, espetacularizar o cotidiano e narrar a si mesmo com as ferramentas midiáticas, colocando a própria vida em telas, é uma forma de pegar emprestado a aura da ficção e oferecer sentido a esse real, cada vez mais, sem sentido.

[...] assediados pela falta de auto-evidência que afeta a realidade altamente midiaticizada e espetacularizada de nossos dias, os sujeitos contemporâneos sentem a pressão cotidiana de obsolescência de tudo quanto é. Inclusive, e muito especialmente, a fragilidade do próprio eu. Após o desvanescimento da noção de identidade, que já não pode mais manter a ilusão de ser fixa e estável, a subjetividade contemporânea ouviu ranger todas as pilastras que costumavam sustentá-la. Além de ter perdido o amparo de todo um conjunto de instituições tão sólidas como os velhos muros do lar, o *eu* já não se sente mais protegido pelo perdurável rastro do passado individual e nem pela âncora de uma intensa vida interior. Para se fortalecer e para constatar sua existência, deve, a todo custo, tornar-se visível. [...] é esse real ameaçado que precisa adquirir consistência desesperadamente. [...] a linguagem altamente codificada da mídia oferece ferramentas eficazes para ficcionalizar a desrealizada vida cotidiana. O real, então, recorre ao glamour de algum modo irreal – embora inegável – que emana do brilho das telas, para se realizar plenamente nessa ficcionalização. (SIBILIA, 2008, p.220)

Dessa forma, se antes os sujeitos eram estimulados a, no silêncio e solidão de seus quartos, através de um denso diálogo interno, narrarem muito bem suas vidas para, assim, oferecerem um sentido a ela, e perceberem-se vivos e interessantes; o sujeito contemporâneo é motivado a estetizar sua existência constantemente. A ficção empresta sua aura para a realidade e a faz ganhar peso e consistência – deixando-a, paradoxalmente, mais real.

Por isso a proliferação de tantos blogs, perfis em redes sociais e fotos no *Instagram*. Por isso todas as confissões, as narrativas autodirigidas e os programas de entrevista. Por isso tantos vídeos no *youtube*. Os sujeitos contemporâneos usariam de todas as ferramentas da sociedade do espetáculo para enfeitar e construir seu próprio *eu*, justamente, para sentir que estão vivendo.

Porém, não se trata apenas de uma mudança de plataforma: do papel para as telas. Há, também, como já falado, uma mudança de eixo: de dentro para fora. Se antes queríamos nos esconder, hoje, desejamos, e precisamos, do olhar do outro.

A identidade alterdirigida não encontra mais consistência na sólida interioridade, nem eu seu passado. Ela ganha peso justamente ao se ver refletida no olhar do outro. “Se ninguém nos vê, nesse contexto cada vez mais dominado pela lógica da visibilidade, poderíamos pensar que simplesmente não fomos. Ou pior ainda: que não existimos” (SIBILIA, 2008, p.260)

Para sentir que existimos, já não nos basta o diálogo com nossa interioridade – agora já não mais sólida e sempre mutável. Precisamos de um outro que legitime o que somos (ou acreditamos e desejamos ser). Por isso os comentários nos blogs e fotos das redes sociais são tão importantes, pois confirmam a subjetividade do autor. Subjetividade essa que, sendo alterdirigida, se constrói diante do espelho legitimador do olhar alheio.

Estaríamos, portanto, claramente em uma cultura da visibilidade. Até que ponto, porém, após termos nos livrado das amarras da crença em uma identidade única e imutável, e nos encontrarmos finalmente livres para experimentar as infindáveis possibilidades desse mundo e de nós mesmos, teríamos também nos tornado reféns dessa visibilidade? Até que ponto não estaríamos deixando de aproveitar esse novo espaço - antes preenchido por sentidos rígidos, e que agora apresenta-se ao mesmo tempo que vazio, repleto de caos e potencialidades - para investigar novos modos de ser e estar no mundo?

Sibilia aponta que esse tal espaço pode ter sido capturado por um mercado de subjetividades onde as identidades seguiriam a lógica das mercadorias e os ritmos da moda. Influenciados pelas *personas* apresentadas na mídia, os sujeitos – subjetivamente frágeis - desejariam ser o que estivesse “na moda” e, com isso, fariam de tudo para que, alterdirigidamente, fossem legitimados como tal. Até o momento em que abandonassem essa identidade e a trocassem por outra, tão descartável quanto.

As identidades, portanto, haveriam se tornado extremamente vulneráveis. Obedecendo a lógica das mercadorias, compraríamos identidades prontas, usaríamos e descartaríamos,

resultando em um *eu* instável e frágil. Com isso, segundo Sibilía, a singularidade e a autenticidade estariam, agora, perdidas.

[...] aquela singularidade do aqui e agora que tornava única a obra de arte original e a dotava de qualidades quase sagradas. Essa autenticidade teria agonizado com o desenvolvimento da reprodutibilidade técnica aplicada aos objetos artísticos. Se a extrapolação for tolerável, seria possível acrescentar que a autenticidade pessoal também teria expirado com o desvanecimento da interioridade psicológica que tornava cada sujeito moderno intrinsecamente único. Assim, a aura pessoal também teria se apagado com a proliferação de cópias, simulacros e falsificações de subjetividades descartáveis na sociedade do espetáculo, com sua fábrica de personalidades alterdirigidas. Daí a ansiedade atual por recompor de algum modo a aura perdida, por se apropriar de qualquer coisa que pareça aparentada com aquela auréola de unicidade tão difícil de se conseguir hoje em dia. (SIBILIA, 2008, p.257)

Nos parece coerente, nesse momento, questionar Sibilía. Ora, se como ela mesma disse, todo estatuto do eu é frágil e uma criação, e a própria noção de interior e exterior é apenas mais uma forma – dentre outras possíveis - do sujeito enxergar a questão da subjetividade, por que as identidades pautadas na interiorização haveriam de ser mais autênticas e singulares? Se as mesmas também dialogavam com aspectos da cultura então vigente e buscavam referências nos personagens dos romances, por que haveriam de ter uma aura mais singular?

As subjetividades contemporâneas estão mais frágeis, ela diz. Mas frágil não é a raiz de toda e qualquer identidade? Segundo Bauman, “a fragilidade e condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado” (BAUMAN, 2005, p.22) Dito isso, entendemos que a maneira alterdirigida de ser e estar no mundo é apenas mais uma forma entendida culturalmente de conferir sentido à existência.

Podemos concluir, portanto, que apesar da noção da presença de algo único em cada indivíduo permanecer em voga de certa forma, hoje em dia considera-se que a identidade de cada um é influenciada pela cultura e sua consequente forma de enxergar o mundo e organizar as experiências. Além disso, tendo abandonado a ideia de essência rígida e imutável, bem como de verdades absolutas, pode-se dizer, portanto, que toda identidade seria uma criação. O sujeito apresentaria-se, cada vez mais, como aquilo que faz de si mesmo. De modo que, de certa forma, toda identidade seria subjetivamente frágil, não cabendo a discussão sobre ser falsa ou verdadeira, realidade ou ficção.

No entanto, embarcando no que propõe Sibilía (2008), e levando em conta os apontamentos feitos anteriormente, nos indagamos, também, se não estaríamos reféns da visibilidade e incapazes de experimentar outras formas cognitivas.

[...] talvez, a verdadeira megalomania e a maior das excentricidades contemporâneas devam encontrar seu caminho nessa resistência aparentemente humilde às tiranias da exposição, que tudo deglute para convertê-lo em espetáculo. Em uma sigilosa busca da riqueza que pode haver no indizível e no imostrável, e talvez também em outras formas de criação que consigam burlar os imperativos do exponível, do comunicável e do vendável. Com esses achados, quem sabe, talvez seja possível provocar interferências nesses circuitos que tão sedutoramente se oferecem como os mais desejáveis ou mesmo os únicos imagináveis. Gerar curto-circuitos, então, faíscas capazes de fazer implodir tanta modorra autocelebratória para abrir o campo do pensável e do possível, e para criar novas formas de ser e estar no mundo. (SIBILIA, 2008, p. 276)

Questionamos se, com nossas identidades fluidas e mutáveis, inseridos em uma cultura epidérmica, sensorial e corpórea, e finalmente livres para experimentar e experimentarmos, a tão enaltecida liberdade de experimentação não estaria comprometida – já que a exibição, o que se mostra para o outro, o *parecer*, apresenta-se como dotado de mais sentido e é, muitas vezes, mais desejado pelo sujeito do que a própria vivência da experiência de fato. E consideramos pertinente a proposta da autora de aproveitar o espaço livre – segundo ela capturado por um mercado de subjetividades – para experimentar outras formas de ser e estar nesse mundo. Também criadas e incompletas, mas, quem sabe, mais satisfatórias.

4 INSTAGRAM: A VIDA COM FILTRO

4.1 Instagram

4.1.1 O que é

Instagram é um aplicativo gratuito para dispositivos móveis que permite ao usuário tirar fotos e vídeos, aplicar filtros e compartilhar o resultado em seu perfil, bem como em outras redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Flickr*, *Foursquare* e *Tumblr*.

Em fevereiro de 2010, Kevin Syston e Mike Frier criaram o *Burbn*, no qual era possível fazer fotos, *check ins* em lugares e planos para o final de semana. Porém, após o acharem muito complicado, o aplicativo, que também se configura como rede social, foi repensado e acabou sendo transformado e lançado, em 6 de outubro, como o atual *Instagram*. (G1, 2012, *on-line*).⁵

Inicialmente, ele era disponível apenas para *Iphone*, *Ipad* e *Ipod Touch*. Em abril de 2012 passou a ser disponibilizado também para *Android*'s. Atualmente, os perfis dos usuários podem ser visualizados através de computadores. Porém, para postar fotos ou vídeos, ainda é necessário o uso do celular.

Em 09 de abril de 2012, foi comprado pelo facebook por 1 bilhão de dólares e, hoje, já atingiu a marca de 200 milhões de usuários. (G1, 2013, *on-line*).⁶

4.1.2 Como funciona

Para obter um perfil no *Instagram*, basta baixar o aplicativo gratuitamente pelo celular e criar uma conta. O usuário, então, escolhe o nome com o qual deseja se apresentar, seleciona uma foto para seu perfil e, se desejar, pode preencher um espaço com breves informações sobre si mesmo que aparecerão em sua página inicial. (foto dessa página inicial)

Feito isso, o usuário pode começar a escolher quem vai seguir. As fotos das pessoas que ele segue aparecerão em sua *Timeline*. (Imagem 1) Lembrando que, não é porque o usuário segue o perfil de uma determinada pessoa que necessariamente será seguido de volta por ela. Ele pode optar, ainda, se pretende ter seu perfil público ou privado. No caso de um perfil público, qualquer um pode segui-lo ou mesmo ver suas fotos. Sendo privado, é necessário pedir uma autorização.

⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>> Acesso em 20 mai. 2014

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/05/instagram-atinge-os-100-milhoes-de-usuarios.html>>

A interação na rede é feita através de curtidas e comentários deixados nas fotos. Para curtir uma foto, basta dar dois cliques na mesma. E, para comentar, escrever o que se deseja em um espaço presente embaixo de cada foto. O dono do perfil pode apagar os comentários que o desagradarem, bem como editar seus próprios comentários. Porém, os comentários deixados nas fotos de terceiros só poderão ser gerenciados por eles. Portanto, uma vez deixado um comentário em alguma foto alheia, apenas o dono desse perfil poderá apagar. Há também a possibilidade de bloquear usuários. O usuário bloqueado fica impossibilitado de visitar o perfil de quem o bloqueou.

Na página inicial do perfil de cada usuário (Imagem 2) é possível ver suas fotos em ordem cronológica, bem como as pessoas que ele segue e por quem é seguido. (Imagem 3)

As fotos ou vídeos compartilhadas podem tanto ser tiradas pelo aplicativo, como buscadas no arquivo do celular. A proposta inicial para o *Instagram* seria a de uma rede social para fotos tiradas única e exclusivamente pelo celular. No entanto, algumas pessoas postam fotos tiradas da internet, ou até mesmo que foram fotografadas por câmeras profissionais e que, uma vez mandadas por email e acessadas pelo celular, ficam aptas para ser postadas.

O aplicativo fornece 20 filtros de fotos para o usuário escolher e não é necessário ter noção alguma de edição de fotografia para usá-los. Além disso, atualmente já existem outros aplicativos na internet que se apresentam como editor de fotos, possibilitando ao sujeito inserir outros filtros além dos já disponibilizados pelo *Instagram*, bem como fazer edições fáceis nas fotos.

Há também o uso de *hashtags*, (Imagem 4) que funcionam como etiquetas – proporcionando uma espécie de banco de dados sobre determinado tema. Ao postar uma foto com a hashtag *#nofilter*, por exemplo (indicando que a foto tirada está sem filtro), ao clicar nessa *hashtag*, o usuário é direcionado para uma página com todas as fotos postadas com essa mesma *hashtag*.

Imagem 1: *Timeline*

Fonte: Captura de tela, arquivo da autora

Imagem 2: Perfil

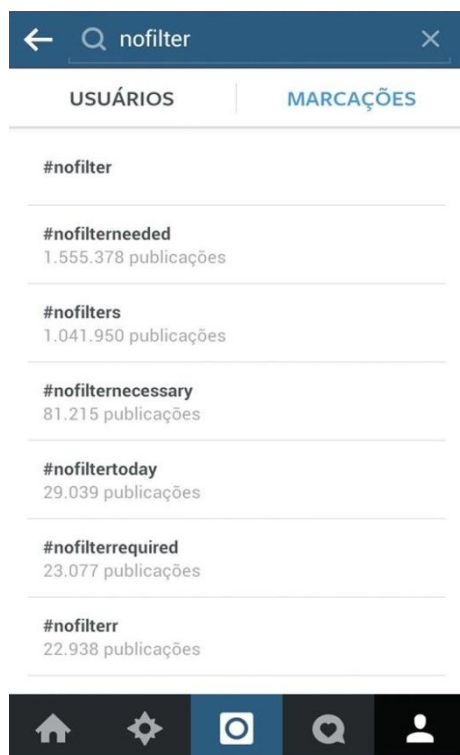


Fonte: Captura de tela, arquivo da autora

Imagem 3: Seguidores



Fonte: Captura de tela, arquivo da autora

Imagem 4: *Hashtags*

Fonte: Captura de tela, arquivo da autora

4.2 Análise da construção de identidade no *Instagram*

4.2.1 Procedimentos metodológicos

Após termos discorrido, nas unidades anteriores, sobre o contexto social no qual estamos inseridos e como ele interfere na forma como os sujeitos lidam com suas identidades, pretendemos, agora, aprofundar a análise do tema a partir de observação empírica. Para isso, optamos pelo método de entrevistas qualitativas presenciais semi-estruturadas. Assim, poderíamos coletar informações mais abrangentes e melhor explorar o universo dos entrevistados.

Como recorte para o nosso estudo, escolhemos jovens da classe AB, entre 24 e 28 anos e que fossem usuários do *Instagram*. A escolha foi feita quantitativamente, em relação à frequência com que os mesmos usam o aplicativo. Optamos por dividi-los em 3 grupos. Considerando o período de 2 semanas, compreendido entre 28/04 a 11/05, o grupo 1 corresponde aos que postaram entre 0 e 7 fotos; o grupo 2, entre 7 e 14; e o grupo 3, acima de 14. Nos preocupamos, também, em ter um representante de cada sexo em cada grupo, bem como em variar suas ocupações profissionais. Todos os entrevistados eram moradores do Rio de Janeiro.

No grupo 1, temos a entrevistada AA - 24 anos, sexo feminino e redatora publicitária - que postou apenas 1 foto no período da análise. Além dela, temos BB - 28 anos, sexo masculino e economista - que, por sua vez, postou 2 fotos.

No grupo 2, temos CC - 25 anos, sexo feminino, atriz e escritora - com 11 fotos postadas. E DD - 27 anos, sexo masculino, DJ - com 8 fotos postadas.

Por fim, no grupo 3, temos EE - sexo masculino, 26 anos, ator - com 16 fotos postadas e, junto a ele, FF - 24 anos, sexo feminino, modelo - com 29 fotos postadas.

As entrevistas foram feitas individualmente e duraram cerca de 40 minutos cada. Utilizamos o roteiro abaixo como guia. No entanto, deixamos os entrevistados à vontade para que fizessem os apontamentos que desejassem a respeito do tema.

Roteiro:

- 1- Conversamos sobre o que faz o sujeito escolher o que vai ou não postar.
- 2- Falamos a respeito dos programas de edição de fotos, e sobre o preparo e tempo dedicado (ou não) para tirar uma foto apta a ser postada.
- 3- Indagamos a respeito da motivação de querer registrar e compartilhar o que se está vivendo.

- 4- Perguntamos se algo muito interessante teria a mesma graça se não pudesse ser compartilhado no aplicativo
- 5- Perguntamos como eles se veem, como acham que os outros os veem (através do que é apresentado no perfil) e como veem o outro.
- 6 – Por fim, por que usar o *Instagram* e no que ele faz bem aos entrevistados.

No roteiro apresentado, pretendemos abordar as principais questões norteadoras desse projeto, com o objetivo de, a partir da fala dos entrevistados, obter material de análise para nossas indagações.

4.2.2 Análise das entrevistas

Para realizar a análise, optamos por, inicialmente, apresentar as ideias debatidas, separando-as por tópicos de perguntas e, posteriormente, em um segundo bloco, relacionar os resultados coletados com a pesquisa bibliográfica apresentada no decorrer do projeto e fechar nossa pesquisa.

4.2.2.1 O que postar

AA afirma postar apenas o que considera relevante, não só para ele, mas também para os outros. Coisas que apresentem algum diferencial, fujam do óbvio e que valham a pena ser compartilhadas. Diz que posta pouco porque raramente tem esse desejo e aponta que, em sua opinião, quem está solteiro tem uma necessidade maior de postar algo, objetivando mostrar-se visível para determinadas pessoas e provocar uma interação real em consequência disso. No entanto, ainda assim, diz não sentir-se muito à vontade com esse tipo de intenção nas redes sociais. AA não posta fotos de momentos tristes.

Já BB vê no Instagram uma forma de se expressar e compartilhar coisas que gosta, que tenham a ver com ele e que serão interessante para o outro - gerando uma interação com as pessoas. Assim como AA, no entanto, o desejo de postar não é frequente. *“Posto pouco porque posto quando tenho vontade, sei lá.”* BB também não publica fotos de momentos tristes.

CC também comenta sobre relevância, e diz postar fotos interessantes e que acha válido compartilhar, bem como coisas que a representem de alguma maneira. *“Por exemplo, se estou andando na rua e olho para algo que ecoa em mim de alguma forma, sinto-me motivada a postar. Não forço uma barra, acho que tudo que posto me representa de verdade.”*

Mas confesso que gosto que os outros vejam em mim isso que eu acho que sou. Não sei bem dizer o porquê. Mas gosto”

Assim como AA e BB, CC também não posta fotos de momentos tristes, a não ser que seja uma reflexão ou um recado para alguém. *“Mas na maioria das vezes fica só para mim mesmo, nos meus diários. Raramente exponho isso aos outros”*

DD diz que posta de acordo com a energia do momento e seu entusiasmo. E que tudo que compartilha reflete muito seu estado de espírito no momento.

EE vê o *Instagram* como um álbum de recordações e, assim como CC E BB, também um meio de comunicar a si mesmo para os outros. *“Às vezes, quando quero expressar alguma coisa, procuro nas minhas fotos aquela que tenha a ver com o que estou sentindo, penso em uma frase que se relacione bem com o momento, e posto.”* EE também cita o aplicativo como uma forma de fazer marketing pessoal no trabalho. Quanto a isso, acha incômodo, porém, necessário. Em relação aos momentos tristes, EE também só os posta por meio de mensagens específicas para algumas pessoas ou reflexões.

FF diz postar coisas que expressem sua forma de ver o mundo e que tenham a ver com a imagem de si que quer passar através do *Instagram*. Acha que o aplicativo reflete muito sobre si mesmo, mas com ressalvas. *“Não acho que rede social é lugar de ficar chorando mágoas. Mostramos apenas o melhor de nós e o que queremos que o outro veja. As pessoas querem ver o seu melhor, a sua capacidade criativa, o que você gosta”*. Ela também aponta que estar bonita é importante na hora de postar. No entanto, revela que se controla para não postar fotos apenas de si mesma, *“Acho muito narcisista e meio chato. Até tenho vontade, gosto de ver as pessoas me achando bonita, mas me esforço para expressar outros valores que também tenho e considero importante. Beleza não é tudo”*

4.2.2.2 Edição e preparo das fotos

AA diz que não prepara foto nenhuma, tampouco pensa sobre elas ou programa o que vai postar. No entanto, acha válido usar aplicativo de edição para deixar a foto mais bonita, principalmente quando o objetivo do perfil no *Instagram* for o de compartilhar fotos bacanas. *“Gosto de fotografia. Reparo, sim, na estética da foto. Uma boa luz faz toda diferença.”*

BB diz que nunca prepara ambientes para fotos ou pensa muito sobre elas, tampouco as tira já pensando em postar. *“Fotografo o que acho que merece ser fotografado. Se posteriormente eu sentir vontade, posto e compartilho com outras pessoas.”* Ele também diz não usar programas de edição, apenas os filtros oferecidos pelo próprio aplicativo. BB afirma,

ainda, que sente-se incomodado com quem fotografa demais ou prepara excessivamente a foto. *“Pode acabar atrapalhando o momento. Não tenho paciência.”*

Diferente dos entrevistados do grupo 1, CC costuma usar aplicativos que tratam as fotos. Porém, ressalta que é mais para deixá-la bacana do que para melhorar a si mesmo. Amante de fotografia, a entrevistada diz apreciar a beleza e estética da foto, bem como uma luz legal e um contraste que chame atenção.

Com um comportamento também diferente do grupo 1, ela revela que às vezes programa o que vai postar. *“Acho que pega meio mal postar mais de uma foto por dia. E às vezes posto foto antiga só para não ficar muito ausente da rede. Mas isso é mais quando quero que pessoas específicas vejam que estou bem e bonita. Tipo um ex-namorado, por exemplo. Para pessoas assim, confesso que as vezes gosto que vejam que estou bem mesmo quando isso não é verdade.”*

DD, por sua vez, como os entrevistados do grupo 1, diz não fazer uso de aplicativos de edição, e também não gosta de programar fotos ou pensar muito sobre elas. *“É como eu falei, posto de acordo com o que estou sentido no momento. Não faria sentido se eu pensasse muito sobre o que estou postando.”*

EE, apesar de postar muitas fotos, também não faz uso de nenhum programa de edição e usa apenas os filtros do próprio *Instagram*. O entrevistado também diz não gostar de programar postagens, nem de preparar a foto. *“Tiro uma vez só e repito a foto apenas se ela ficar muito feia. Acho muito chato essas pessoas que mudam o ambiente inteiro querendo obter um clique perfeito.”*

FF, por sua vez, revela que todas as suas fotos passam por melhorias nos aplicativos de edição e que mexe em tudo até deixar do jeito que deseja. *“Isso realmente é muito chato, demanda uma dedicação. Costumo tirar várias fotos, de diversos ângulos e experimentar inúmeros filtros para chegar no resultado ideal.”* No entanto, ela diz que se esforça para fazer isso em casa, e que acha bem chato quando está em um jantar, por exemplo, e a pessoa não a ouve porque está preocupada em postar fotos.

FF também nos conta que com frequência programa postagens. *“Já aconteceu de ser segunda-feira e eu saber que foto postaria no sábado, por exemplo, para que determinada pessoa visse”*

A entrevistada também diz achar que a ânsia de fotografar, quando exagerada, prejudica, sim, a experiência. *“Eu adoro fotografar coisas, guardar para mim como registro.*

No entanto, a verdade é que quando estou realmente aproveitando o momento, acabo tirando bem menos fotos”.

4.2.2.3 Registro e compartilhamento

AA não tem o hábito de registrar muita coisa. Até tira umas fotos ao longo do dia, mas poucas ele compartilha no *Instagram*. Costuma mandar para amigos isolados - como um livro que o lembra alguém ou um assunto em comum com determinada pessoa. Ela afirma que é muito mais simples do que parece, apenas não tem vontade de tornar essas coisas públicas. E diz sentir-se incomodada com pessoas que querem registrar e compartilhar tudo nas redes sociais.

BB, por sua vez, gosta de tirar fotos para guardar o momento que está vivendo. *“Gosto de fotografar e filmar para ter um registro. Se é algo que gosto, quero guardar aquele momento. No entanto, acho muito importante a moderação. Se a pessoa filma um show inteiro, ela não está vendo o show, está filmando. E as vezes não quero perder nenhum segundo da minha experiência para fazer esse tipo de coisa”*

Quanto ao compartilhamento, BB diz que gosta de dividir com os amigos aquilo que viveu. No entanto, afirma que, na maioria das vezes, compartilha seus registros apenas com os amigos mais íntimos e que vão de fato se interessar por aquilo. Não posta muita coisa nas redes sociais.

Acredita, inclusive, que o que compartilha no *Instagram* interessa mais às pessoas que não vê tanto do que a seus amigos mais íntimos. *“Quem eu falo todo dia já sabe muito da minha vida. Acho que compartilho mais coisas no Instagram pensando nos meus conhecidos que também considero, porém não estão tão presentes no meu convívio.”*

CC também diz que gosta de tirar fotos para registrar o momento, e acha nostálgico e divertido ver tudo depois. *“Acontece muito de assistir um vídeo antigo, por exemplo, e, por conta dele, me lembrar exatamente do que aconteceu. Às vezes até penso ‘nossa, então eu vivi isso tudo mesmo!’.”*

No entanto, afirma que quando está muito feliz e imersa na vivência da coisa, não gosta muito de ter que ficar tirando foto. Nesses momentos, diz fotografar bem rápido, sem se preocupar com a estética, apenas para ter o registro. *“Acho chatíssimo, inclusive, quem fica tirando foto toda hora. Poucas coisas me irritam tanto quanto filmar shows, por exemplo. Se é minha música preferida, então, eu quero mais é ouvir, e não filmar.”*

CC conta que uma vez fez uma viagem na qual tudo estava tudo muito chato. Ela, então, decidiu começar a se preocupar bastante com o que ia fotografar. *“Bom, a viagem estava ruim, mas pensei que pelo menos eu iria poder colocar fotos para as pessoas verem que estou magra, bonita e em um lugar legal. Não quero que pensem que meu feriado foi horrível.”*

Quanto ao compartilhamento, como já apontado anteriormente, CC diz que compartilha coisas especialmente porque gosta que os outros vejam quem ela é. *“Não é para que necessariamente vejam o que estou fazendo. É uma forma de mostrar para o mundo quem eu sou e o que eu penso.”*

DD também diz que adora registrar os momentos que vive. Indo de encontro às ideias de BB e CC, ele também acha que é uma maneira de deixar guardado o que aconteceu. Quanto ao compartilhamento, afirma que, muitas vezes, o que posta não condiz exatamente com o que de fato aconteceu, mas diz que o que vale é a intenção. *“Coloco coisas com a intenção de me inspirar e inspirar o outro. Se posto um ensinamento de Buda, por exemplo, posso não estar cem por cento dentro daquilo, mas minha intenção é de estar. E, ao postar, com os likes e comentários das pessoas e vendo aquilo ali, acabo me motivando. É algo que me ajuda.”*

No entanto, ele também concorda que a ânsia em registrar e compartilhar pode acabar se tornando um vício. *“Às vezes sinto que estou perdendo várias coisas que estão acontecendo a minha volta porque estou olhando para o celular, querendo registrar demais ou compartilhar demais. Aí acaba e perdendo a função de inspirar e compartilhar coisas bacanas para se transformar em um vício robótico. Sempre tenho que tomar cuidado com isso.”*

EE diz que gosta de fotografar e filmar coisas e, sentindo vontade, colocar no *Instagram* como uma forma de registrar a vivência e mostrar para os outros aquilo de legal que está acontecendo com ele. *“Tenho um desejo de compartilhar coisas bacanas que faço, não é para mostrar a mim mesma, é para dividir mesmo. Além do mais, hoje em dia as coisas se perdem tão fácil, que talvez postar uma foto no Instagram seja uma maneira que tenho de deixar um pedacinho do momento guardadinho naquele lugar”.*

FF afirma que adora tirar fotos, e gostaria que seus olhos pudessem fazer isso por ela. *“As vezes sinto que se eu tirar fotos, aquilo que eu vivi não vai ter existido de verdade. Sei que isso é bobeira, mas tenho essa sensação. É uma tentativa de guardar cada momento da minha existência, de não deixar ela sumir nem desaparecer.”*

A entrevistada diz que gosta de compartilhar muitos desses registros nas redes sociais como uma forma de expressar sua maneira de ver o mundo, bem como mostrar para os outros o que ela é, o que está vivendo ou fazendo. *“Me sinto bem com isso. Nunca iria em um lugar apenas para tirar fotos e postar, acho isso meio decadente. Mas confesso que já me empolguei ao sair de casa já pensando nas fotos que ia tirar e divulgar depois.”*

4.2.2.4 Experiência X olhar do outro

AA foi a único que respondeu algo diferente dos outros entrevistados. Perguntamos como seria se ela vivenciasse algo incrível e não pudesse contar para ninguém, muito menos expor no *Instagram*. Ela, então, disse que não só não se importaria, como acharia a proposta interessante. *“A graça está toda na experiência. Não faria a menor diferença para mim. E, se fizesse, seria positiva. Acharia bacana ver como é não poder contar.”* AA afirmou, inclusive, que não costuma ter esse hábito. *“Mesmo quando me acontecem coisas legais, não me é comum precisar ou ter vontade de contar nem aos meus amigos. Não sei dizer porquê. Simplesmente não me identifico com essa cultura de sair dizendo coisas para todo mundo.”* Acrescenta, ainda, que quando conta, preocupa-se em deixar espaço para o outro também falar. E se queixa de que as pessoas ao redor dele parecem estar muito pouco interessadas em ouvir o que alguém além delas mesmas tem a dizer.

Para BB, o fato de não poder compartilhar no *Instagram*, na mudaria em nada o prazer de ter vivido uma experiência incrível. No entanto, ia achar “meio chato” se não pudesse contar nem para os amigos mais próximos. *“Seria mais chato não poder contar para ninguém do que não poder tirar nenhuma foto. Minha vida não é solitária. Gosto de compartilhá-la com as pessoas que considero mais próximas e vice versa.”*

Concordando com BB, CC acha que a experiência é sempre única e interessante por si só e não seria prejudicada caso não pudesse ser compartilhada. No entanto, entende que contar para os amigos é quase uma forma de prolongar o que se viveu. *“Gosto de compartilhar acontecimentos muito legais com as pessoas mais próximas e, apesar de não achar imprescindível postá-los nas redes sociais, confesso que me dá uma sensação de prazer, sim, divulgá-los no meu Instagram.”*

DD também acha que a experiência é sempre única e mais importante, mas concorda que não contar nem para os amigos mais íntimos seria chato. *“Gosto de compartilhar com os outros as coisas boas que faço, inspirar, trocar. A graça da vida é essa, não?”*

EE também não acha que a experiência seria prejudicada caso não pudesse ser compartilhada, mas diz que ficaria com muita vontade de contar para seus amigos mais próximos. *“Os momentos são para a gente, não para o Instagram. Ele é apenas mais uma forma de guardar esses momentos. Mas não seria menos legal, nem deixaria de curtir se não pudesse postar nada sobre o que estou fazendo. Acho até que seria bom pois não me sentiria tão pressionado em tirar fotos. No entanto, se ficasse com a Angelina Jolie, por exemplo, seria bem complicado não poder contar nem para um amigo.”*

Indo de encontro aos entrevistados acima, FF também diz: *“Se acontecesse uma coisa incrível comigo e não pudesse contar para ninguém, ok, eu continuaria feliz, mas minha língua ia coçar muito. É gostoso postar coisas boas nas redes sociais, vai. Foi legal publicar uma foto de quando me formei, de quando passei o carnaval em Salvador...”*

4.2.2.5 A imagem de si e a imagem do outro

AA acredita que seu perfil no *Instagram* não diz muito sobre ela. *“Não preciso ficar mostrando nas redes sociais quem eu sou. Não tenho essa vontade. Isso eu faço para meus amigos através do convívio. Acho desnecessário ficar postando coisas para reforçar minha imagem. Quem interessa para mim já sabe como eu sou.”*

Em relação ao outro, AA comenta a respeito da repetição, modismo, imitação e falta de originalidade das fotos postadas nas redes sociais. *“As pessoas postam registros cotidianos completamente insossos, sem nenhum valor de riso ou mesmo divertimento. Por que eu haveria de querer saber se alguém está na praia ou o que a pessoa está comendo? Acho chato, não sigo gente assim.”*

BB diz que tem um limite de exposição, de modo que o *Instagram*, apesar de ser uma forma de expressão, de maneira alguma revela tudo que ele é. *“Não acho que me mostro muito nas redes sociais. Não tenho muita necessidade de dizer coisas para o mundo, nem receber um feedback dos outros no Instagram sobre minhas escolhas ou o que estou fazendo. Me satisfaço de acordo com minha própria consciência. Quando quero saber o que posso melhorar ou como mudar, tenho um círculo mais restrito de pessoas com as quais posso trocar e vão me influenciar.”* O entrevistado afirma que, para ele, receber 1 ou 100 likes em uma foto não faz a menor diferença.

BB se incomoda com *posts* monotemáticos e pessoas que postam muito e fazem questão de mostrar tudo que fazem. *“Eu gosto de malhar e nunca postei foto dentro de uma academia. Não é importante para mim que os outros saibam isso que eu sou. Não faz*

nenhuma diferença. Entendo que tudo que é postado nas redes sociais pretende atingir o olhar do outro, mas acho que existe um bom senso, uma moderação. E minha impressão é de que quem posta muito está mais preocupado em saber o que as outras pessoas acham da vida dela do que simplesmente viver de fato”

BB também revela que às vezes o *Instagram* o faz desejar aquilo que outras pessoas estão vivendo, mas diz ser algo momentâneo e que tem consciência de que, na maioria das vezes, é ilusório. *“É que ninguém posta foto de derrota. As pessoas que desabafam suas mágoas nas redes sociais são consideradas chatas. Todo mundo quer ser um vencedor, todo mundo quer ser o melhor. E acham que ser o melhor é fazer com que os outros achem que você é o melhor. Que é de fora para dentro. Temos que tomar cuidado com isso”.*

CC acha que seu *Instagram* reflete muito do que ela é. Mas nem tudo que ela é está ali. *“Quem vê meu perfil pode sim saber muita coisa sobre mim. Minha forma de ver o mundo, de pensar, eu acho isso bacana. Gosto de me expressar através do Instagram. Mas às vezes preferiria que ele não existisse e que eu pudesse me expressar de outras formas.”*

CC diz que a vida das pessoas lhe parecem muito interessante. *“Sempre acho que o outro tem muitos amigos, uma rotina bacana e viaja bastante. Sei que é uma edição e o que está ali não representa tudo que a pessoa vive. Ainda assim, às vezes o Instagram pode me deixar um pouco depressiva. Não acho minha vida tão interessante como a daquelas pessoas”*

A entrevistada também diz se incomodar com quem posta o tempo todo, e com os sujeitos que adoram colocar fotos de si. *“Entendo que tudo que é colocado no instagram está ali para ser visto. Ninguém quer postar uma foto em que está feio. Mas me incomoda o excesso. As vezes vejo as etiquetas alheias de forma muito clara. Percebo que a pessoa está postando uma foto de um filme francês para que eu veja que ela é cult. Isso me incomoda. Sei que no fundo tudo que está ali é para expressar alguma coisa, mas quando eu vejo a intenção da pessoa por trás, me incomoda”*

Como já falado, DD acha que seu perfil no *Instagram* reflete muito sobre seu estado de espírito e, mais do que dizer sobre quem ele é, diz, certamente, sobre quem ele quer ser. O *Instagram*, assim, serve como uma fonte de expressão e inspiração.

O mesmo acontece quando visita o perfil de outras pessoas. *“Não sinto inveja nem desejo ter uma vida que não é minha. Entro para me inspirar, pegar ideias e referências de estilos de vida e atitudes.”*

EE diz que às vezes divulga coisas de trabalho como se tivessem mais valor do que realmente tem. *“Não gosto de fazer isso, mas na minha profissão, por mais chato que seja, passar uma imagem de sucesso faz com que as pessoas acreditem que você é de fato bem-sucedido e atrai mais trabalho”*

O entrevistado também alega que às vezes sente-se meio “para baixo” olhando os perfis alheios, mas que isso acontece mais com desconhecidos. *“Me faz bem olhar o perfil dos meus amigos, gosto de saber sobre eles. Ver fotos de quem não conheço que é o problema. Quando me dou conta estou em um Instagram completamente desconhecido, achando a vida daquela pessoa ótima”*

EE também afirma se incomodar com clichês na rede e fotos claramente montadas. *“Me incomoda muito foto de gente meditando, por exemplo. Qual o objetivo disso? Para mim a pessoa está claramente querendo reforçar que é zen. Talvez ela até seja, mas naquele momento não está sendo porque quem medita mesmo não tira foto, né.”*

Como os outros entrevistados, FF afirma que tudo que exhibe corresponde ao que ela é, porém, de forma editada. Diz que muita gente, ao olhar seu Instagram, pensa que sua vida é perfeita, quando, na verdade, todos aqueles momentos maravilhosos realmente existiram, mas há outras coisas por trás. A vida dela não é só isso. *“As coisas na vida não são perfeitas. Quando vou fotografar, arrumo a mesa, tiro um guardanapo que está sobrando. Existe um glamour no Instagram que não existe na vida real. Ninguém está feliz o tempo todo e vivendo coisas incríveis. Às vezes eu posto uma foto linda em uma festa com um sorriso no rosto, mas ninguém sabe o que eu estou pensando.”*

Mesmo sabendo disso, FF afirma que com frequência olha o Instagram de alguém que não conhece e acha a vida da pessoa mais interessante que a dela. Ainda assim, acredita que o aplicativo pode revelar muito sobre o indivíduo. *“Mesmo que a pessoa mostre apenas o que quer, dá pra ver os valores que ela carrega. Caso se ache muito bonita, certamente vai postar muitas fotos de si mesma; se vive intensamente, postará com menos frequência.”*

4.2.2.6 O Instagram

Como já falado, AA gosta de usar o aplicativo para ver fotos bonitas, interessantes ou que a proporcionem um novo ponto de vista sobre as coisas. *“Acho que a proposta inicial do Instagram se perdeu. Agora as pessoas usam para reforçar uma imagem de si mesmas. Não tenho vontade de fazer isso, sei lá porque. Nem sigo quem faz.”*

BB gosta de usar o *Instagram* para se expressar (ainda que não o faça com muita frequência), ver fotos legais e saber coisas dos seus amigos. Acha uma forma rápida e prática de atingir muitas pessoas em pouco tempo, passar uma mensagem ou mostrar alguma coisa. Entende que com seus amigos próximos pode fazer isso através do convívio pessoal, mas acha que é uma maneira de interagir com pessoas com as quais não vê diariamente ou tampouco convive tanto assim, mas que também são importantes. *“Talvez as coisas que eu posto interessem mais às pessoas que não convivo do que àquelas que vejo com mais frequência, inclusive. É uma forma delas saberem sobre mim, como está minha vida”*

CC também usa o aplicativo para interagir com amigos, dar recados e fazer-se presente para pessoas específicas. Assim como BB, afirma que ele serve mais para lhe deixar em contato com quem acaba convivendo menos no seu cotidiano. A entrevistada também cita, mais uma vez, o uso do *Instagram* como meio de expressão. *“Como já falei, gosto que as pessoas vejam em mim o que eu acho que sou”*.

Em relação à interação, CC diz que preferiria que ela fosse ao vivo, pessoalmente. *“Mas muitas vezes isso não é possível. São pessoas que, se não fosse o aplicativo, eu veria muito pouco no meu dia-a-dia e quase não saberiam de mim. Gosto que essas pessoas vejam como eu estou e o que está acontecendo na minha vida. Vira e mexe já me peguei postando uma foto para que um carinha que conheci me veja, me ache bonita e interaja comigo. Preferiria que isso não fosse necessário, que não existisse essa plataforma e que se a pessoa tivesse interessada em você, necessariamente precisasse te ligar ou te chamar para sair. Mas infelizmente, hoje não é assim. Daí acabo postando fotos para me fazer presente e interagir.”*

DD diz que o *Instagram* o ajuda muito a se inspirar e se motivar, confessa sentir-se menos sozinho com os *likes* e comentários em suas fotos e acha uma rede social muito válida e bacana. Diz, apenas, que tem que tomar cuidado para não se tornar um vício e perder sua função positiva.

EE diz que é fã do *Instagram*. Sente-se muito bem ao se expressar nele e usá-lo como forma de mandar mensagens implícitas para pessoas específicas, bem como meio de interação. *“Basta saber usar direito, sem “nóia” e com parcimônia. Não me considero viciado, não planejo minhas fotos, nem me preocupo com a imagem que vou passar. Posto o que tenho vontade no momento. Esse sou eu, essa é minha imagem.”*

FF diz que também adora o *Instagram* pois ele é uma forma de expressar sua forma de pensar e olhar o mundo. Indagada se não pode fazer isso no convívio com seus amigos, ela diz que sim, mas que isso era antes do *Instagram*. Agora, com o aplicativo, consegue atingir um

enorme número de pessoas em pouco tempo. *“Claro que quem você realmente é, só seus amigos próximos saberão. Mas acho bacana poder divulgar meus gostos para pessoas que, se não fosse o Instagram, dificilmente eu me relacionaria. Ele aproxima as pessoas também. Vejo quem tem um estilo parecido com o meu e curto as fotos dessa pessoa, comento. Daí quando nos encontrarmos em algum lugar já estaremos mais íntimas. Isso não aconteceria se não fosse o aplicativo”*. FF acredita que o aplicativo também é bom para flertar e nos conta que, quando a pessoa curte uma foto, na maioria das vezes, é para mostrar que está interessada.

No entanto, FF acha que tem que tomar cuidado para não ficar viciada e esquecer que trata-se apenas de um aplicativo. *“Acho que hoje em dia tem muita gente mais interessada em parecer do que ser. E acredito que quem vive mais intensamente, posta menos. A pessoa fica mais ocupada em sua vida, não coloca energia pra esse tipo de coisa. Eu adoraria postar menos, mas não consigo.”* A entrevistada também alega que o aplicativo às vezes afeta sua autoestima. Ao receber muitas curtidas, sente-se bem, ao passo de que uma foto pouco curtida pode deixá-la realmente mal. *“É uma besteira, pois se trata apenas de uma foto. Mas realmente mexe comigo. Me pergunto o que houve de errado com a foto. Por que meus amigos não estão curtindo? Será que as pessoas não gostam de mim?”*

4.2.2.7 Fechamento da análise

A partir da fala dos entrevistados, podemos identificar que, além da proposta inicial do aplicativo – divulgar fotos interessantes e bonitas – os sujeitos postariam motivados por um desejo de se expressar, reforçar uma imagem de si, interagir e fazer-se presente para o outro.

Entre os entrevistados do grupo 1, o desejo de interação e expressão através da rede social mostra-se menos presente. Os dois entrevistados afirmam não sentir muita necessidade de que seus seguidores vejam fotos dizendo coisas sobre si mesmos ou mostrando o que estão fazendo.

Já nos usuários dos grupos 2 e 3 essa motivação é bem presente. Tanto os que postam médio como os que postam muito revelam que gostam de se expressar através do *Instagram* - colocar fotos que reforcem sua personalidade, seu momento de vida, bem como experiências, acontecimentos e vivências específicas.

Os entrevistados que apresentam essa motivação de forma mais intensa não sabem dizer exatamente o que os leva a postar coisas que digam sobre si. Afirmam apenas que gostam e os faz sentir bem. Poderíamos identificar aqui um reflexo da personalidade

alterdirigida apontada por Sibilia (2008), na qual a forma do sujeito narrar a si mesmo e dar sentido à existência não é mais introdirigida, nem realizada a partir da reflexão ou de pensamentos interiorizados e, sim, através da exposição, do mostrar-se e do exhibir-se. Se tudo o que se é precisa ser exteriorizado, nada mais natural que o sujeito tenha prazer em divulgar fotos que reflitam sua subjetividade nas redes sociais. Ver sua foto postada na plataforma virtual, e os posteriores *likes* e comentários dariam solidez e sentido à subjetividade do sujeito. “*Confesso que após publicar a foto, fico contemplando minha postagem. Olho e torno a olhar mil vezes. Gosto de fazer isso. Não sei porquê.*”(entrevistada FF)

Também podemos perceber aqui o processo apontado por Bauman (2005), no qual as personalidades líquidas e fluidas do sujeito contemporâneo, ansiando por segurança e pertencimento, realizariam identificações (momentâneas e efêmeras) com coisas ao seu redor, e exporiam essa identificação ao olhar do outro - já que, uma vez que respondem a uma dinâmica alterdirigida, saber-se algo muitas vezes não é satisfatório: é preciso mostrar.

No entanto, como já falado, nem todos os entrevistados apresentaram essa motivação de se expressar através das redes sociais. Não foi possível identificar em seus comportamentos e estilos de vida o que levaria a uma tendência ou à outra. No entanto, é interessante que todos concordam que o que está ali interessa mais às pessoas com as quais se convive menos no dia-a-dia. “*Os amigos que vejo sempre e me conhecem de verdade já sabem quem eu sou, não haveria necessidade de lembrá-los.*”(entrevistado BB)

Dessa forma, o aplicativo apresenta-se também como uma maneira de reforçar subjetividades e enviar mensagens através das fotos, visando atingir pessoas específicas - que os sujeitos alegam ser importante para eles, mas com as quais acabam não interagindo tanto pessoalmente na vida cotidiana. Ao serem indagados a respeito, todos concordam que prefeririam se essa interação pudesse ser realizada pessoalmente, sem a mediação de uma rede social. Mas apontam que, uma vez não sendo possível, o *Instagram* facilita muito as coisas. Permite uma comunicação rápida e que atinge muita gente, possibilitando ao sujeito falar de si, mostrar coisas sobre si mesmo e saber do outro, interagindo com pessoas que, se não fosse o aplicativo, não se sabe se seria possível.

A respeito das imagens de si mesmo e mensagens que são passadas através do perfil de cada um, cabe traçar alguns comentários. Alguns usuários dos grupos 2 e 3 alegaram não só tratar a foto depois de tirada, como também preparar todo o contexto para o clique perfeito e, dependendo do momento de vida e da intenção, até mesmo planejar que foto será postada

em determinado dia da semana. Seria o *Instagram*, portanto, um disseminador de falsidades e mentiras? Estariam os sujeitos transformando-se em simulacros de si mesmos?

Já vimos que todo *eu* é frágil e, de certa forma, uma criação. De modo que não cabe aqui contrapor real e falso. Para responder a essa pergunta, portanto, preferimos dualizar exibição e experiência. Já sabemos que o que é exibido no perfil de cada um não corresponde à vida do sujeito. Primeiramente porque trata-se de uma seleção de momentos que, muitas vezes, passam por edição. E mesmo aqueles que não mexem nas fotos, apenas clicam e postam, não tem em seus perfis um reflexo exato do que aconteceu. Como já apontado por Sibilía (2008), toda foto tem um sentido próprio, uma aura muito específica e particular e que, por vezes, acaba engolindo o referente.

Lembramos agora um caso citado pelo entrevistado DD, em que uma menina foi à praia somente para tirar foto correndo, não correu, postou no aplicativo e voltou para casa. Teríamos aí um exemplo de discrepância absurda entre o que se exhibe e o que se vive. Os entrevistados afirmam não fazer isso. “*Não forço uma barra. Não vou fingir ser algo que não sou. Uma hora a máscara cai*”. (entrevistada EE)

No entanto, mesmo os que alegam “não mentir” (todos), muitas vezes programam e preparam fotos e confessam já terem saído de casa pensando na foto que iriam postar. A imagem de si que é exibida estaria valendo mais para o sujeito do que a própria experiência?

Pegamos o caso da entrevistada CC que, após decepcionar-se com a viagem que estava fazendo, decidiu focar em tirar fotos de si mesma e postar no *Instagram*. “*Assim, pelo menos a viagem não seria completamente em vão, pelo menos serviria para eu mostrar para algumas pessoas que estou magra e bonita.*” CC diz que sentiu prazer com isso, mas alega que, certamente, preferiria ter aproveitado de verdade a viagem.

A imagem parece, sim, ter um valor por si só. Ser reconhecido por algo que gostaria, ainda que não corresponda à vivência do sujeito, parece causar-lhe satisfação. No entanto, para alguns entrevistados, esse simulacro da imagem tem um peso maior do que para outros. Se AA e BB fossem a tal viagem, dificilmente nos parece que se interessariam por tirar fotos e exibi-las, uma vez que não correspondem ao que lhes está acontecendo.

No entanto, mesmo para entrevistados como CC, para os quais a imagem de si passada no *Instagram* parece apresentar valor e satisfação relevantes, a experiência ainda vale mais. CC afirma que preferiria ter se divertido de verdade, e que caso sua vida se resumisse a momentos como esse, seria muito chata. A mesma afirmou que quando está imersa na

vivência de algo muito interessante raramente se preocupa em tirar fotos pensando em divulgar depois. Opinião também compartilhada por todos os entrevistados.

Dessa forma, poderíamos dizer que expressar a própria subjetividade na rede social apresenta por si só um nível de satisfação para alguns usuários - que parecem mais motivados a fazer isso o que outros. No entanto, a experiência pura e simples ainda parece ser mais desejada e importante. Apesar disso, está claro que ela vem sofrendo ameaças, já que, mesmo os entrevistados que alegam acreditar no peso infinitamente maior da vivência, declaram, por vezes, ter que fazer um esforço para não ceder à tentação de querer fotografar e colocar suas energias na imagem de si que será divulgada no *Instagram*.

Os que se sentem muito estimulados a fotografar e filmar, portanto, apontam estar tomando cuidado para não prejudicar a vivência, já que é unânime entre os entrevistados que a ânsia de registrar tudo pode, sim, não só atrapalhar o momento, como, também, ser bem desagradável.

Podemos perceber que a motivação para tais registros está mais presente em uns do que em outros, e independe da frequência com que postam. No entanto, todos alegam que fotografar e filmar momentos apresenta-se como uma maneira de registrar e guardar o que se está vivendo. Mais uma vez indo de encontro aos conceitos abordados nos capítulos dois e três: estaríamos tão fluidos e porosos, que seríamos tentados a querer dar consistência e relevo ao instante. Registrá-lo seria uma das maneiras encontradas pelo sujeito para fazer isso.

Ainda sobre a questão da experiência, ao serem indagados sobre como reagiriam se vivessem algo incrível e não pudessem contar a ninguém, nem tirar fotos ou postar no *Instagram*, todos, exceto AA, responderam que a vontade de contar, pelo menos para os mais próximos, seria muito grande, mas que não faria diferença divulgar nas redes sociais.

Percebemos aqui mais um reflexo das características identitárias de nossos tempos – nas quais é muito presente o desejo de compartilhar nossas vivências com o outro e tê-lo como legitimador de nossas experiências. No entanto, com o *Instagram*, entre os usuários que postam muito, o que vemos é uma multiplicação desse outro que, agora, parece não se restringir mais aos amigos mais próximos.

Em relação ao conteúdo, foi unânime entre os entrevistados dizer que se incomodam com exageros, ou fotos pouco relevantes e desnecessárias, e citaram como exemplo *posts* em academia e fotos de comida. No entanto, no perfil de todos os entrevistados há pelo menos uma foto de comida, bem como cliques de origamis, bambolês, vista da janela do quarto e mais uma série de coisas que teriam sua relevância e capacidade de despertar interesse alheio

completamente questionáveis. “*Realmente, não sei se o que posto interessa a todos. Na verdade eu poderia muito bem mandar essas coisas para pessoas específicas, ou até mesmo não mandar. Mas se for pensar assim, não se posta nada, né.*”(entrevistado EE)

A relevância e o sentido de cada postagem, portanto, apresentam-se como algo muito pessoal e relativo. Podemos observar aqui um reflexo da sociedade narcísica apresentada no capítulo três, na qual os sujeitos sentem-se motivados a se expressar, a falar sobre si mesmos e sobre qualquer coisa, e onde a narração cede lugar à informação. Informação, essa, de valor questionável e que tampouco dura ou exige que o interlocutor pense e reflita sobre ela. Não são necessários momentos sozinhos em um quarto para apreciar o *Instagram*. O *easy viewing* e o *easy listening* parecem completamente suficientes.

A seleção do que se exhibe, o *glamour* da foto, a edição, e o acordo tácito de que não se posta foto de derrota nas redes sociais resultam em perfis que, mesmo quando o usuário não pretende enganar ou passar uma imagem “falsa” de si, correspondem a apenas uma parte do que eles são. Com isso, podemos perceber entre os entrevistados que olhar perfis alheios pode causar inveja, ansiedade e insatisfação com a própria vida. E que, mesmo os que não se sentem assim, afirmar fazer um esforço para, racionalmente, desconstruir a coerência dessa sensação.

O *Instagram*, portanto, apresenta-se como uma rede social que oferece ferramentas ao desejo do sujeito contemporâneo de se expressar e onde suas subjetividades - fluidas e alterdirigidas - encontram plateia, adquirem consistência e interagem umas com as outras.

A experiência no mundo *off-line* e as interações face a face ainda parecem apresentar maior valor do que qualquer imagem divulgada na rede, no entanto, dialogam com esse recurso e sofrem consequências a partir da, cada vez mais constante, exibição de uma vida com filtro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse projeto, iniciamos traçando um panorama do contexto social no qual estamos inseridos. Identificamos a ausência de um chão comum sólido de significações e valores; a impermanência e a incerteza; o imperativo do desejo e do gozo; e a urgência de se viver com o foco no aqui e agora como características principais do nosso tempo - no qual o sujeito encontraria mais liberdade para escolher o que quer para sua vida, bem como responsabilidade sobre essa tarefa.

Passeamos pelas diferentes maneiras encontradas pelo indivíduo para lidar com sua subjetividade. Problematicando essa questão, percebemos que todo *eu* é frágil, e que as maneiras encontradas pelo indivíduo para dialogar com ele, conferir-lhe sentido, coerência e unidade variam culturalmente no tempo e no espaço. De modo que toda identidade é, de certa forma, uma criação.

Identificamos que a linguagem e a narração apresentam-se como importantes ferramentas de construção de sentido, e percebemos que as maneiras de narrar a si mesmo, bem como as formas encontradas para dar sentido a si sofreram mudanças com o tempo.

Investigamos como todo o contexto da contemporaneidade, bem como a mídia e a publicidade, estimulam um hiperinvestimento no *eu*, acabando por produzir, muitas vezes, sujeitos narcísicos que, desejando excessivamente mostrar a si mesmos e falar de si, acham-se muito importantes e só conseguem se relacionar com o outro pensando no que esse outro importa para ele.

Discorremos sobre a influência das tecnologias no sujeito, sobre a morte do narrador e o início do império do *easy listening* e do *easy viewing*. Identificamos que o indivíduo contemporâneo desejaria registrar e mediatizar suas experiências motivado por um desejo de capturar, guardar, digerir e conferir solidez e sentido a um real que, como visto, estaria cada vez mais leve, poroso e fluido.

Percebemos, com isso, o reinado de identidades alterdirigidas, para as quais a importância do olhar do outro apresenta-se como fundamental, e a expressão de si mesmo de forma exteriorizada e não intimista torna-se uma maneira de conferir sentido à existência. De modo que, com isso, os sujeitos se veem motivados a expressar e externalizar suas subjetividades.

Além disso, tendo como referencia uma cultura da imagem, veriam-se estimulados a mediatizar suas existências, acabando, assim, por dar consistência ao que se vive e proporcionando sensação de sentido e realidade maiores que o próprio real.

Vimos como o *Instagram*, bem como outras ferramentas de redes sociais, não só servem a essa dinâmica, como também a estimulam. Identificamos como é para o sujeito fazer parte dessa cultura da imagem e percebemos muito claramente o estímulo em registrar e guardar, bem como o desejo - mais presente em uns entrevistados do que em outros - de exibir suas subjetividades e sentir prazer com isso.

Identificamos no *Instagram* um meio de expressão e de troca, uma plataforma com códigos interacionais próprios e que os sujeitos também usariam para comunicar-se entre si. Vimos também, claramente, o quanto essa ferramenta virtual pode trazer angústia, inveja, frustração, e como os sujeitos estão estimulados a passar uma imagem de sucesso nas redes sociais.

Ao mesmo tempo, percebemos como os indivíduos entrevistados apresentam um cuidado com a preservação da experiência e o valor das vivências por si só, independente da imagem que elas fornecem. Bem como, muitas vezes, declaram sentir-se sozinhos e desejantes de interações não mediadas pela tecnologia.

Achamos, portanto, interessante pontuar: já que descobrimos a fragilidade e condição eternamente provisória da identidade, que já não mais encontramos sentido no diálogo solitário com subjetividades sólidas e rígidas e que, ainda assim, continuamos a ansiar por pertencimento e segurança, e a ter necessidade da troca, do aconchego e do olhar do outro; já que precisamos e queremos nos expressar, mostrar o que em nós ecoa e dialogar com esse mundo de forma mais cada vez mais explícita; já que pertencemos a um contexto de ausência de verdades absolutas, podendo experimentar toda e qualquer coisa, inclusive a nós mesmos, por que também não experimentar outras formas de interagir e estar nesse mundo, investigar diferentes maneiras de vivenciar nossas subjetividades, revisitando a reflexão e a interiorização, o *hard viewing* e o *hard listening*, a troca com o outro sem *delay*, *photoshop* ou mediações tecnológicas? Já que nos descobrimos necessitados do olhar do outro - e queremos e precisamos nos exibir e falar de nós - que tal seria editar menos o que esse outro vê, bem como olhar mais para esse outro que tanto nos olha, experimentando, assim, também, um olhar alterdirigido? Que tal questionar a sensação de hiper-real desse real midiaticado e descobrir novos meios de dar vazão a nossa necessidade de expressão, investigando, assim, também outras maneiras de construir nossas subjetividades?

Com tudo o que foi visto, acreditamos que tais posturas e experiências se fazem necessárias e urgentes, já que seria um desperdício, em meio a tanta liberdade finalmente conquistada, acabarmos por nos tornar limitados às imagens de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, David; CURCIO, Henry; PIFFER, Jessica. A história do telégrafo. **A história da comunicação**. Blog. 1º abri. 2013. Disponível em: <<http://ahistoriadacomunicacao.wordpress.com/2013/04/01/a-historia-do-telegrafo/comment-page-1/>> Acesso em 20 mai. 2014
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1999
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- _____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- G1. **Entenda a curta história do Instagram, comprado pelo Facebook**, São Paulo, 10 abr. 2012. Seção Tecnologia e Games. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>> Acesso em 20 mai. 2014
- _____. **Instagram atinge os 100 milhões de usuários**. São Paulo, 01 mai. 2013. Seção Tecnologia e Games. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/05/instagram-atinge-os-100-milhoes-de-usuarios.html>>
- _____. **Selfie é eleita a palavra do ano pelo dicionário Oxford**, São Paulo, 19 set. 2013. Seção Mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html>> Acesso em 20 mai. 2014
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- _____. Cibercultura como território recombinate. In: MARTINS, Camila; SILVA, Daniela Castro; MOTTA, Renata. (Orgs.). **Territórios recombinaes**: Arte e tecnologia, debates e laboratórios. São Paulo: [s.n.], 2007a
- _____. Cidade e Mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, n 1, p. 121-137, outubro 2007b
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. São Paulo: Manole, 2005.

NARCISISTAS, preguiçosos e gente boa: conheça a geração me me me. **YouPIX: pessoas+pixels**. 9 maio 2013. Disponível em: <<http://youpix.com.br/comportamento/narcisistas-preguiçosos-e-gente-ba-conheca-a-geracao-me-me-me/>> Acesso em: 20 mai. 2014

RADFAHER, Luli. Vinte e Tantos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mai. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luliradfahrer/2014/05/1452803-vinte-e-tantos.shtml>> Acesso em: 20 mai. 2014

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.